

TIAGO JOSÉ DA SILVA SANTOS

# VINCULAÇÃO E ATITUDES SEXUAIS

Estudo com Adultos Utilizadores de Apps de Dating



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

## Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Área de Especialização em Terapias Familiares e  
Sistémicas

COIMBRA, 2020

**Vinculação e Atitudes Sexuais**  
**Estudo com Adultos Utilizadores de *Apps* de *Dating***

**Tiago José Da Silva Santos**

Dissertação Apresentada ao ISMT para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica  
– Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas –

**Orientadora:** Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

Coimbra, setembro de 2020

## Agradecimentos

Esta investigação, enquanto construção pessoal e académica, é verdadeiramente um marco importante na minha história como indivíduo, tanto respeitante aos conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico, como numa dimensão mais ampla, no percurso de vida. Esta é fruto da persistência, empenho, dedicação, de conhecimentos e de aprendizagens adquiridos ao longo da vida e do trajeto académico, mas também de vários desafios e de alguns momentos de descrença e de cansaço, que apenas foram ultrapassados com perseverança e uma profunda convicção de que tinha algo consistente e importante para apresentar.

Assim como na nossa própria vida, feita de altos e baixos, fracassos e vitórias, tudo depende da nossa própria visão sobre as coisas, do momento em que nos encontramos e sobretudo do apoio e do suporte de quem nos rodeia que nos vai transformando ao longo do tempo. Fundamentalmente, esta etapa é e será sempre mais um capítulo importante para mim e também para todos os que estiveram ao meu lado durante a minha jornada, pois, sem essas mesmas pessoas, que não nos deixam baixar os braços, não conseguiríamos fazer quase nada, ou nada que valesse a pena. É aqui que agradeço aos meus pais pelo esforço que fizeram em garantir a concretização deste sonho, sonho este, partilhado especialmente pela minha mãe, e pela paciência, suporte e carinho que sempre tiveram comigo.

Agradeço também aos meus amigos mais próximos, em especial aqueles que sempre acreditaram em mim e me deram um apoio incansável, estando comigo tanto nos momentos bons como nos menos bons (em especial a S.O., I.C., I.S., B.R., I.D., T.G., E.A., A.G., V.S., C.V., F.F., D.C., A.P., F.C., R.P., F.M., A.S., J.L., J.G., e I.P.; ...).

É importante ainda mencionar que esta investigação foi realizada em tempos adversos, pautados pela inesperada Pandemia por *COVID-19*, neste ano de 2020, que nos confinou em casa como forma de salvaguardar a nossa saúde e a dos outros. Apesar de estarmos confinados em casa, esta experiência mostrou-nos a capacidade que temos em nos ajustarmos ao desconhecido e, mesmo face aos desafios, continuar a “batalhar” dentro da “normalidade” possível. Neste período de tempo fomos lembrados que somos seres sociais e que a falta de “afetos” pode ser nefasta para o nosso bem-estar psicológico, foi também neste momento que “disparou” o uso das tecnologias, redes sociais, mas também de *apps* de *dating* onde os indivíduos procuravam ocupar o seu tempo, conhecer novas pessoas (quicá em alguns casos encontrar um amor) sobretudo com a intenção de socializar/procurar alguma forma de suporte nesta fase mais complicada que quase conseguiu parar o mundo.

Esta situação atípica, por outro lado, contribuiu beneficentemente na elaboração deste estudo, nomeadamente no que respeita a uma maior disponibilidade por parte dos participantes

para responder ao meu protocolo, assim agradeço sinceramente a todos pela colaboração e paciência que tiveram ao ajudar, visto ser demorado e ter perguntas possivelmente “constrangedoras”, o meu muito obrigado, pois sem eles este estudo não seria possível.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Joana Sequeira, pelos ensinamentos ao longo deste percurso académico, pelo apoio e dedicação e, ainda, pelo voto de confiança tanto na elaboração desta investigação como em outros trabalhos complementares e sobretudo pela paciência e resiliência que teve comigo, orientando-me dedicadamente até à concretização desta investigação.

Gostaria também de agradecer à Professora Doutora Fernanda Daniel pela sua disponibilidade, pelo apoio incansável que me deu e ainda pela sua dedicação e foco em ajudar a relembrar, a ensinar e a aplicar os conteúdos de estatística. Agradeço essencialmente a profunda confiança e entusiasmo que demonstrou ao longo deste tempo que me acompanhou, acreditando no meu potencial e capacidade de desenvolvimento.

Finalmente, mas não com menos importância, também gostava de realçar o quanto estou grato ao suporte e à ajuda que me foi dada pela Professora Joana Carvalho e pela Mariana Couceiro bem como aos ensinamentos e reflexões dadas pela minha supervisora de estágio, Professora Doutora Inês Pimentel, que foram essenciais para desenvolver e melhorar o meu trabalho e a minha reflexão crítica.

Posto isto, além dos agradecimentos mencionados anteriormente e por não querer correr o risco de me esquecer de alguém importante, agradeço a todos os que participaram direta ou indiretamente neste meu percurso.

A todos o meu muito obrigado!

“Nunca amamos ninguém.

Amamos, tão somente, a ideia que fazemos de alguém.

É a um conceito nosso – em suma, é a nós mesmos – que amamos. Isso é verdade em toda a escala do amor. No amor sexual, buscamos o prazer nosso dado por intermédio de um corpo estranho. No amor diferente do sexual, buscamos um prazer nosso dado por intermédio de uma ideia nossa.”

- **Fernando Pessoa** - *Livro do Desassossego*

## Resumo

**Objetivo:** A presente investigação tem como objetivo estudar a vinculação do adulto e as atitudes sexuais em função da utilização de *apps* de *dating* ou *dating apps*.

**Metodologia:** Participaram nesta investigação 302 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos dos quais já fizeram uso de *apps* de *dating* ou ainda utilizam e, ainda, que não fizeram recurso a este tipo de aplicações. Os instrumentos utilizados consistiram num questionário sociodemográfico e de perguntas complementares, a *Escala de Vinculação do Adulto* (EVA) e a *Escala de Atitudes Sexuais* (EAS).

**Resultados:** Os sujeitos que vivem em casal apresentam menos “Ansiedade” e mais “Confiança nos Outros” em comparação com todas as outras tipologias. Os que pertencem a famílias nucleares intactas apresentam maior “Ansiedade” e quem vive sozinho menor “Confiança nos Outros”. Os sujeitos que tiveram um número médio de parceiros sexuais entre 11 a 15 são os que pontuam mais alto na “Confiança nos Outros” e os que tiveram mais de 21 parceiros quem tem menos “Confiança”. A prática de religião tem influência nas atitudes sexuais face à “Permissividade Sexual” e às “Práticas Sexuais”, sendo que quem não pratica uma religião apresenta maiores concordâncias nas atitudes anteriormente referidas. O uso de *apps* de *dating* está, maioritariamente, associado a indivíduos do sexo masculino, homossexuais (76,8%) e que não praticam religião (84,8%). Os padrões de vinculação relacionam-se com o uso, ou não, de *apps* de *dating*. Os sujeitos do estilo seguro são quem menos usa e os preocupados quem mais usa as *apps*.

**Conclusão:** Este estudo permitiu concluir que o contexto familiar e relacional amoroso em que os sujeitos vivem é relevante em dimensões centrais da vinculação, em particular a experiência de viver em casal potencia segurança e confiança e as experiências sexuais em elevado número têm impacto negativo na perceção de confiança ao par amoroso. Quanto às *apps* de *dating*, os homens e os homossexuais são quem mais usa, bem como os sujeitos com estilo de vinculação preocupado.

**Palavras-chave:** atitudes sexuais; *dating apps*; família; padrões de vinculação; vinculação.

## Abstract

**Purpose:** The present investigation aims to study the adult attachment and sexual attitudes in terms of the use of dating apps.

**Methodology:** 302 subjects participated in this investigation, aged between 18 and 63 years old, that already used dating apps, currently use them and also, didn't ever used this type of apps. The instruments applied where the sociodemographic and complementary questions questionnaire, the Adult Attachment Scale (EVA) and the Sexual Attitudes Scale (EAS).

**Results:** Subjects who live as a couple have less "anxiety" and "trust more in others". Those who belong to intact nuclear families have greater "anxiety" and those who live alone have less "confidence in others". The subjects who had an average number of sexual partners between 11 and 15 score higher in "trust in others" and those who had more than 21 partners have less "confidence". The practice of religion has an influence on sexual attitudes towards "sexual permissiveness" and "sexual practices". Subjects, who don't practice any religion present greater agreement in the previously mentioned attitudes. The use of dating apps is mostly associated with male, homosexual individuals (76.8%) who don't practice any religion (84.8%). The attachment styles are associated with the use, or not, of dating apps. The secure style subjects use less Apps and the preoccupied subjects are the ones that use more dating apps.

**Conclusion:** Family and the relational context in which the subjects live is relevant in central dimensions of bonding, in particular the experience of living with a partner enhances security and trust. A great number of sexual partners have a negative impact on the perception of confidence in the partner. As for dating apps, men and homosexuals are the ones who use it the most, as well as subjects with a preoccupied attachment style.

**Keywords:** Attachment, Attachment styles, dating apps; family; sexual attitudes.

## Índice

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Metodologia</b> .....	<b>8</b>
Objetivos e Tipo de Estudo .....	8
Participantes .....	8
Procedimentos .....	10
Instrumentos .....	11
Análise Estatística .....	13
<b>Resultados</b> .....	<b>14</b>
Vinculação - EVA .....	14
Tipos de vinculação dos participantes.....	16
Atitudes Sexuais - EAS .....	18
Tipos de vinculação dos participantes e as atitudes sexuais .....	22
<b>Discussão dos resultados</b> .....	<b>23</b>
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>29</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>30</b>

## Introdução

A vinculação segundo Bowlby (1989) é resultado do comportamento de ligação, inato ao ser humano, que desde o nascimento demonstra propensão para estabelecer laços emocionais com pessoas significativas. Logo após o nascimento, o bebé “ativa” o seu comportamento de vinculação de modo a desenvolver os primeiros vínculos com os seus cuidadores como forma de obter proteção, conforto e segurança de modo a garantir a sua sobrevivência (Bowlby, 1989; Freitas & Mota, 2015; Mendonça & Almeida, 2010).

Os padrões de vinculação são construídos na infância através do contacto com os pais e/ou cuidadores e tendem a manter-se ao longo da vida. Têm uma função adaptativa e promovem sentimentos de segurança e de proteção, fundamentais à sobrevivência (Crowell & Treboux, 1995; Machado, Dias-da-Costa, & Silva, 2015). Ao longo do ciclo vital pode acontecer que, com o grupo de pares, estes padrões sejam adaptados e também, posteriormente, nos envolvimento românticos (Matos & Costa, 1991, 1996; Mendonça & Almeida, 2010; Navarro-García & Arroyo-Ortega, 2017).

Assim como a vinculação, a sexualidade é uma “característica” biológica inata do ser humano (Bowlby, 1989; Freitas & Mota, 2015). Alguns estudos mostram que existe relação entre os padrões de vinculação e a sexualidade sendo que as primeiras relações de vinculação podem influenciar as vivências na sexualidade.

A presente investigação tem como objetivo analisar os padrões de vinculação e a sua relação com as atitudes e comportamentos sexuais em adultos que são utilizadores, ou não, de aplicações digitais de encontros (*dating apps* ou *apps* de *dating*).

De acordo com Bowlby (1989) e a sua teoria da vinculação, é no útero da mãe que o feto começa a desenvolver propensão e competências para estabelecer laços emocionais com os outros – componente básica da natureza humana – que ocorrem num *continuum* até à sua morte. Após o nascimento, o bebé já demonstra uma predisposição inata para socializar e vincular-se emocionalmente (Bowlby, 1989).

A construção dos padrões de vinculação é explicada através do modelo interno de cada pessoa, que funciona como uma espécie de “*Script*” que gera as expectativas que preparam para a ação (Collin, 1996 *as cited in* Machado et al., 2015). O modelo interno reflete as percepções cumulativas do desenvolvimento do sujeito, através da incorporação de memórias semânticas, episódicas, afetivas, regras de conduta e de pensamento, crenças, atitudes, valores e expectativas sobre os possíveis parceiros (Mikulincer & Shaver, 2007 *as cited in* Machado et al., 2015; Simpson & Rholes, 2012 *as cited in* Machado et al., 2015; Simpson, 1990). A existência de relações afetivas precoces ajustadas fortalecem os modelos internos, contribuem

beneficamente no desenvolvimento do estilo de vinculação, para a aquisição de uma estrutura que permite o estabelecimento de novas relações de intimidade e ainda enfrentar possíveis desafios e adversidades (Crowell & Treboux, 1995; Feeney & Noller, 1990; Freitas & Mota, 2015). Estes comportamentos de vinculação são ativados em alturas de grande stress, perigo ou em situações desconhecidas e/ou novas e têm como finalidade gerar segurança e conforto (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Durante a infância, o indivíduo constrói o seu padrão de vinculação através do relacionamento com as suas figuras parentais. As primeiras relações de vinculação dependem da qualidade de condições familiares, sociais e psicológicas proporcionadas pelas figuras primárias (Correia & Mota, 2016). A proximidade, entre pais e filhos, a confiança e a valorização são fatores que contribuem para a construção de uma vinculação segura, fundamental para um desenvolvimento saudável do indivíduo e crucial no desenvolvimento de relações futuras (Bowlby, 1989; Navarro-García & Arroyo-Ortega, 2017).

É na família que o indivíduo se desenvolve, constrói expectativas relativamente ao envolvimento com os outros e, também, um conjunto de estratégias de regulação emocional que serviram para as futuras relações de proximidade (Navarro-García & Arroyo-Ortega, 2017).

Durante a adolescência os laços, anteriormente estabelecidos, são ou podem ser reajustados através da formação de novos vínculos com outros pares significativos e também surgem os primeiros envoltimentos românticos (Matos & Costa, 1991).

Os estudos sobre a vinculação no adulto só começaram a ser desenvolvidos, posteriormente aos estudos sobre a vinculação na infância, por volta da década de 80, onde um conjunto de investigadores alargou o estudo da vinculação até à idade adulta (Canavarro et al., 2006). Estes forneceram um conjunto de novos contributos científicos para a compreensão da vinculação. Destes estudos salientam-se os contributos de Hazan, Shaver, Bartholomew, Ainsworth, Crowell, Fraley (Canavarro et al., 2006). Uma das pioneiras no estudo sobre a vinculação no adulto foi Bartholomew (1990) que, a partir da teoria de Bowlby, criou um modelo teórico com uma classificação de quatro tipos de padrões de vinculação do adulto, dos quais: *seguro*, *preocupado*, *evitante desligado* e *evitante amedrontado*. Esta classificação teve em consideração as duas dimensões subjacentes do indivíduo: o modelo sobre si próprio e o modelo sobre os outros – modelos internos dinâmicos (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Canavarro et al., 2006). Assume-se que os padrões de vinculação, apesar de desenvolvidos durante a infância e ajustados ao longo de todo o ciclo vital, são a base para a

construção de vínculos na idade adulta (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Ribeiro & Costa, 2002).

Os quatro protótipos de vinculação compreendem-se da seguinte forma: *seguro* – indivíduos que se sentem confortáveis com a intimidade e com a autonomia, dependendo de outros ou de si próprios; *preocupado* - indivíduos que dependem muito de outros, o seu bem-estar depende da aceitação incondicional de outros, sentem preocupação com as suas relações, evidenciam certa ambivalência nos seus investimentos e compromissos; *evitante desligado* - indivíduos pouco dependentes de outros, desvalorizam a importância das relações de intimidade (através da contenção de emoções, pela ênfase na sua independência e na sua autodeterminação), podem também apresentar falta de coerência na discussão das relações, pelo motivo de que não são capazes de fazer grandes investimentos; e por último, *evitante amedrontado* – indivíduos receosos de situações sociais e de intimidade devido ao medo, perçecionado, de possíveis rejeições e sentimentos de desconfiança acerca dos outros (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Ribeiro & Costa, 2002).

A vinculação no adulto, embora seja explicada através das suas origens na infância através da interação com as figuras parentais, é influenciada ao longo do ciclo vital através do contacto com figuras significativas e das experiências como a morte de figuras de vinculação, a qualidade das relações amorosas e/ou até pelo processo de uma intervenção terapêutica (Canavarro et al., 2006). Na vinculação ao par romântico, Hazan e Shaver (1987) referem que, apesar do processo de construção ser diferente e mais complexo, o indivíduo procura segurança, proximidade física e intimidade de modo a satisfazer as necessidades pessoais, tal como na relação anterior com as figuras de vinculação. O amor romântico é, portanto, um processo de vinculação, embora construído de modo diferente (Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990). Ainda segundo estes autores, (Hazan & Shaver, 1987), a dinâmica entre pessoas com padrões diferentes de vinculação deve ter-se em consideração, pois, estes podem adaptar-se, ou não, no estabelecimento e manutenção da relação. Por exemplo, um indivíduo seguro ao ter uma relação com um indivíduo ansioso/ambivalente pode ser levado a sentir e a agir de uma forma mais evitante (Hazan & Shaver, 1987).

Em Portugal, muitos estudos têm sido feitos sobre a vinculação com adolescentes ou jovens adultos. Alguns destes trabalhos procuram conhecer a relação entre a vinculação e cuidados de saúde, bem-estar em diferentes configurações familiares, a esperança e satisfação com a vida, processos desenvolvimentais e também sobre os comportamentos sexuais.

Matos e Costa (1991), num estudo sobre “Vinculação aos Pais e ao Par Romântico em Adolescentes”, referem que os adolescentes com vinculação segura às figuras parentais

relacionam-se de um modo mais seguro nas suas relações românticas. Estes apresentam representações de si e dos outros mais favoráveis.

Ribeiro e Costa (2002) desenvolveram uma investigação com 515 adolescentes de idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos e analisaram a relação entre a vinculação e comportamentos de saúde. Concluíram que a qualidade da vinculação está associada à adoção de comportamentos de saúde.

Assunção e Matos (2010) observaram uma associação significativa entre a vinculação parental e algumas das competências interpessoais (e.g. tomada de perspetiva) e na vinculação ao par romântico. Neste estudo participaram 211 sujeitos com idades compreendidas entre os 16 anos e os 25 anos.

Melo e Mota (2013) analisaram a vinculação amorosa e o bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares e observaram diferenças significativas na qualidade da vinculação amorosa em função da configuração familiar vivida. Os filhos de pais separados ou divorciados apresentam mais frequentemente um estilo de vinculação evitante, quando comparados a filhos provenientes de famílias intactas. As autoras referem que antes e após a rutura parental, os jovens podem tornar-se mais defensivos, retrativos e sensíveis no que respeita ao desenvolvimento de relações amorosas. Neste estudo participaram 827 jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 25 anos.

Mendonça e Almeida (2010) investigaram a vinculação aos pais e aos pares amorosos e os comportamentos sexuais em 33 jovens adultos (estudantes universitários). Concluíram que os indivíduos com maior desconfiança na sua relação apresentam comportamentos sexuais menos seguros. Sujeitos com vinculação dependente ou ambivalente associam-se a atitudes mais positivas no uso de contraceção. Indivíduos com vinculação segura tendem a formar vínculos seguros com o par amoroso, usam menos contracetivos e têm um início tardio das relações sexuais.

Freitas e Mota (2015) num estudo, onde participaram 334 jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, observaram, no que se refere à vinculação amorosa, que os sujeitos ambivalentes ou dependentes apresentam autoestima mais baixa com repercussões na forma como se sentem nas relações românticas. As autoras apontam que jovens com vinculação ambivalente, ou dependentes nas relações com os outros, podem evidenciar vivências passadas inseguras assim como modelos internos negativos de si próprios.

Machado et al. (2015) num estudo, sobre vinculação aos pais e vinculação amorosa: esperança e satisfação com a vida, com 262 jovens adultos, concluíram que as representações de vinculações mais seguras aos pais estão relacionadas com maior nível de confiança na

vinculação romântica. Contrariamente, uma maior perceção de alienação relativamente aos seus pais relaciona-se com uma perceção de maior ambivalência na relação romântica.

Correia e Mota (2016) investigaram o ambiente familiar e a qualidade da vinculação amorosa – papel mediador da individuação em 432 jovens adultos com idades entre os 18 e os 30 anos. Observaram associações significativas entre o ambiente familiar, a qualidade da vinculação amorosa e o processo de individuação em jovens adultos. Constataram que a coesão e expressividade experienciadas na família associam-se positivamente com a confiança no par amoroso e, negativamente, com o evitamento e ambivalência no relacionamento amoroso. Por sua vez, a perceção de um ambiente familiar conflituoso associa-se com o evitamento e ambivalência na relação amorosa levando, também a adotar comportamentos inseguros. Assim sendo, a perceção positiva do jovem sobre a família associa-se a sentimentos de confiança no par romântico e maior qualidade no estabelecimento da vinculação amorosa.

Os estudos mais desenvolvidos sobre a vinculação no adulto prendem-se com a satisfação conjugal e sexual.

Simpson (1990) na sua investigação sobre o impacto dos estilos de vinculação, com 144 casais, aponta que os homens e mulheres com vinculação segura têm uma perceção de maior interdependência, compromisso, confiança, satisfação e emoções positivas no relacionamento, do que indivíduos com estilos de vinculação ansiosos ou evitantes. Sujeitos com um estilo ansioso e evitante percecionam emoções positivas menos frequentes na sua relação. Concluiu que os estilos de vinculação podem afetar diretamente a qualidade das relações assim como o teor emocional, das mesmas.

Ribeiro e Costa (2002) investigaram os estilos de vinculação, papéis sexuais, género e satisfação conjugal, numa amostra de 560 adultos casados. Os resultados obtidos indicam que o estilo de vinculação se encontra relacionado com dimensões da sexualidade, atribuídos aos papéis sexuais como a instrumentalidade - dirigidos mais aos homens - e a expressividade com as mulheres. Através da análise detalhada, os autores constataram ainda que a instrumentalidade e a expressividade estavam relacionadas com os padrões de vinculação evidenciando que indivíduos com padrão de vinculação seguro se associam com a androginia.

Bennett, Lopresti, e Denes (2019) ao explorar os traços de comunicação afetuosa e comunicação pós-sexo como mediadores entre vinculação e satisfação sexual, numa amostra de 423 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, concluíram que, indivíduos com uma vinculação ansiosa e evitante demonstram menos traços de afetividade e assim percecionam menos satisfação sexual.

Na atualidade com a ascensão contínua do mundo tecnológico e da Internet, as alterações na sociedade e as profundas mudanças no estilo de vida contemporâneo despoletaram grandes mudanças na forma de comunicar e nas relações entre os indivíduos, estando o foco desta investigação, mais especificamente, nas relações amorosas (Frazzetto, 2010; Levis, 2006). As mudanças no estilo de vida podem ser compreendidas pelo aumento do número de horas de trabalho, alterações na mobilidade e também na dissolução dos modos tradicionais de socialização passando a comunicar-se mais frequentemente através das redes sociais, *chats*, *sms's*, *e-mail's* (Frazzeto, 2010).

A Internet alterou a comunicação das famílias, sendo que o diálogo presencial em família aparenta ter diminuído trazendo algumas dificuldades (Hertlein, 2012). O que leva a questionar a qualidade da formação dos vínculos e, posteriormente, na criação de novos vínculos. Pois, os relacionamentos amorosos podem estabelecer-se à distância e de outras formas. Existe a possibilidade de usar aplicações digitais de encontros *online* (*apps* de *dating*) para “encontrar” possíveis parceiros, sejam estes com a finalidade de uma relação amorosa e/ou sexual, seja de curta ou de longa duração (Levis, 2006; Rappleyea, Taylor, & Fang, 2014; Weisskirch & Delevi, 2011).

Blackhart, Fitzpatrick e Williamson (2014) mencionaram que as oportunidades para a criação e manutenção de um relacionamento na Internet têm crescido ao longo do tempo e são percebidas como cómodas, fáceis, imediatas, sem a necessidade de mediação por amigos e sem a necessidade da presença física. Esta forma de contato e interação tem crescido ao longo dos últimos anos como uma forma viável na oportunidade de novos contactos e/ou na seleção de possíveis parceiros, tanto amorosos como sexuais, e possivelmente, manter-se-á desde que as experiências boas sejam relatadas a figuras próximas, como os familiares e amigos, o que incentiva a sua utilização (Hallam, Backer, & Walrave, 2019; Sautter, Tippett, & Morgan, 2010; Tomaszewska & Schuster, 2019). Contudo, Ferrer (2019) refere que o namoro *online* se baseia na contradição do fácil acesso ao amor.

Para além do conforto e da facilidade, Couch, Liamputtong, e Pitts (2012) identificaram um conjunto de problemas no uso de aplicações de encontros, das quais mentiras, enganos, *bullying*, e por vezes perigos a nível sexual e riscos emocionais, acarretando consequências nefastas para o bem estar psicológico dos sujeitos.

Contudo, o uso de *apps* de *dating* apresenta-se como um potenciador de encontros *online*, sejam estes sexuais e/ou amorosos, onde através de comportamentos de *flirting* (sedução) e de *sexting* (troca de imagens, vídeos ou mensagens sexualmente sugestivas) poderão contribuir

para a concretização de encontros “*offline*”, presenciais (Rappleyea et al., 2014; Weisskirch e Delevi, 2011).

Rappleyea et al., (2014) estudaram 1003 jovens adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, usuários de tecnologias, e concluíram que são maioritariamente os homens que assumem o uso de *apps* de *dating* para iniciar possíveis relações. As mulheres dão preferência apenas ao uso do telemóvel, sem recurso a este tipo de *apps*, para este efeito, através de mensagens. Segundo as conclusões apontadas por estes autores, as aplicações ajudam a estabelecer um primeiro contacto antes de um possível encontro presencial.

Estudos sobre o papel da vinculação no processo de envolvimentos românticos e ou sexuais em *apps* de *dating* ainda são escassos (Valkenburg & Peter, 2007). Contudo Blackhart, Fitzpatrick, e Williamson (2014) na sua pesquisa sobre fatores preditivos do uso de *apps* de *dating* e comportamentos nestas tecnologias, com 725 indivíduos com idades entre os 18 e os 71 anos, observaram que a sensibilidade à rejeição é um preditor do uso destas *apps*. Indivíduos com maior sensibilidade à rejeição têm maior probabilidade de usar sites de namoro *online* do que aqueles com menor sensibilidade à rejeição. Para estes autores as *apps* de *dating* podem ser um contributo no desenvolvimento de futuras relações interpessoais para estes indivíduos visto que a sua perceção da rejeição poderá ter menos impacto através das *apps* do que cara-a-cara.

Weisskirch e Delevi (2011) estudaram 128 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, relativamente à prática de *sexting* e à vinculação romântica nos adultos. Concluíram que os indivíduos com vinculação ansiosa praticam *sexting* com os seus pares românticos como uma forma de manter e melhorar o seu relacionamento. Este comportamento pode ser visto como uma forma colmatar as dificuldades sentidas na manutenção da relação.

Chin, Edelstein, e Vernon (2018) estudaram os tipos de vinculação em *apps* de *dating*, em 183 adultos norte americanos, entre os 18 e os 65 anos. Concluíram que pessoas com um estilo inseguro fazem mais recurso aos *apps* de *dating* para conhecer outras pessoas. Observaram, a nível de diferenças individuais, que o estilo de vinculação pode ser relevante para a compreensão do comportamento *on-line* e que as *apps* de *dating* podem ser um caminho frutífero para futuras pesquisas sobre a vinculação.

De acordo com os conhecimentos científicos, através dos estudos apresentados, permitem evidenciar a importância que os estilos de vinculação demonstram tanto no comportamento quotidiano dos indivíduos como nas suas interações interpessoais e a forma de como estas são percecionadas. O papel dos padrões de vinculação e as atitudes sexuais no estabelecimento e manutenção das relações amorosas e/ou sexuais tanto por métodos

“tradicionais” através de aplicações de *dating* – *dating apps* ou *apps* de *dating* - é tema que merece atenção devido à escassez de literatura científica e pertinência nos tempos atuais sendo o foco deste estudo.

## Metodologia

### Objetivos e Tipo de Estudo

A presente investigação tem como objetivo estudar a vinculação do adulto e as atitudes sexuais em função da utilização de *apps* de *dating*.

Os objetivos específicos desta investigação são:

- 1) Descrever os participantes quanto às suas características sociodemográficas e quanto à vinculação e atitudes sexuais;
- 2) Analisar as diferenças entre grupos em função das características sociodemográficas e quanto à vinculação e às atitudes sexuais;
- 3) Identificar os padrões de vinculação dos participantes e, em função destes, analisar diferenças quanto às atitudes sexuais;
- 4) Verificar se os padrões de vinculação têm influência no uso, ou não, de *apps* de *dating* e quanto às atitudes sexuais.

O tipo de estudo efetuado é observacional analítico, uma vez que não se pretende intervir ou modificar qualquer característica da população estudada, procurando estabelecer uma relação entre as variáveis e não apenas descrever as suas características (Pocinho, 2012). É um estudo transversal, pois, é realizado através da utilização de inquéritos e escalas na população alvo num momento isolado (Aragão, 2011). A amostragem é não-probabilística e por conveniência e os dados foram recolhidos *online* (Marotti et al., 2008).

### Participantes

Foram definidos como critérios de inclusão ter pelo menos 18 anos de idade e ter tido no mínimo um relacionamento amoroso. Participaram neste estudo 302 indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos de idade (Mínimo = 18; Máximo = 63;  $M = 29,48$  e  $DP = 7,76$ ). A nacionalidade dos participantes ( $N = 302$ ) é maioritariamente portuguesa ( $n = 280$ ; 92,7%). Em relação ao uso de *apps* de *dating*, 108 (35,8%) indivíduos não usam, 112 (37,1%) usam e 82 (27,2%) já usaram.

Dos 302 participantes, 156 (51,7%) são do sexo masculino e 146 (48,3%) do sexo feminino. Em relação à orientação sexual 143 (47,4%) são heterossexuais, 125 (41,4%) são homossexuais, 28 (9,3%) são bissexuais, 2 (0,7%) são pansexuais, 1 (0,3%) demissexual e 3 (1,0%) não responderam. Quanto ao estado civil, 254 indivíduos são solteiros (84,1%), 37 casados ou em união de facto (12,3%), 10 divorciados (3,3%) e 1 viúvo (0,3%). Sobre a

escolaridade 14 (4,6%) têm o 3º ciclo de escolaridade, 73 (24,2%) o ensino secundário, 139 (46,0%) uma licenciatura, 65 (21,5%) um mestrado, 11 (3,6%) o doutoramento. Relativamente à ocupação, 56 (18,5%) são estudantes, 40 (13,2%) são trabalhadores estudantes, 191 (63,2%) são trabalhadores e 15 (5,0%) estão desempregados. Em relação ao meio de residência, 234 (77,5%) vivem em meio urbano e os restantes, 68 (22,5%) em meio rural.

A Tabela 1 evidencia as características sociodemográficas dos participantes referidas anteriormente.

**Tabela 1**

*Caracterização Sociodemográfica dos Participantes e Utilização de Apps de Dating (N = 302)*

	n	%	NU		U		JU	
			n	%	n	%	n	%
<b>Nacionalidade</b>								
Portuguesa	280	92,7	103	95,4	99	88,4	78	95,1
Brasileira	17	5,6	3	2,8	11	9,8	3	3,7
Angolana	3	1,0	2	1,9	-	-	1	1,2
Moçambicana	1	0,3	-	-	1	0,9	-	-
Alemã	1	0,3	-	-	1	0,9	-	-
<b>Idade</b>								
<=24	81	26,8	32	29,6	28	25,0	21	25,6
25-28	89	29,5	27	25,0	32	28,6	30	36,6
29-33	65	21,5	20	18,5	27	24,1	18	22,0
>34	67	22,2	29	26,9	25	22,3	13	15,9
<b>Sexo</b>								
Masculino	156	51,7	11	10,2	96	85,7	49	59,8
Feminino	146	48,3	97	89,8	16	14,3	33	40,2
<b>Orientação Sexual</b>								
Heterossexual	143	47,4	93	86,1	16	14,3	34	41,5
Homossexual	125	41,4	6	5,6	86	76,8	33	40,2
Bissexual	28	9,3	6	5,6	7	6,3	15	18,3
Pansexual	2	0,7	1	0,9	1	0,9	-	-
Demissexual	1	0,3	1	0,9	-	-	-	-
Preferê não responder	3	1,0	1	0,9	2	1,8	-	-
<b>Estado Civil</b>								
Solteiro(a)	254	84,1	78	72,2	107	95,5	69	84,1
Casado(a) ou em União de Facto	37	12,3	22	20,4	4	3,6	11	13,4
Divorciado(a)	10	3,3	7	6,5	1	0,9	2	2,4
Viúvo(a)	1	0,3	1	0,9	-	-	-	-
<b>Escolaridade</b>								
3º ciclo	14	4,6	4	3,7	4	3,6	6	7,3
Ensino Secundário	73	24,2	22	20,4	32	28,6	19	23,2
Licenciatura	139	46,0	48	44,4	54	48,2	37	45,1
Mestrado	65	21,5	30	27,8	17	15,2	18	22,0
Doutoramento	11	3,6	4	3,7	5	4,5	2	2,4
<b>Ocupação</b>								
Estudante	56	18,5	22	20,4	23	20,5	11	13,4
Trabalhador(a)-Estudante	40	13,2	19	17,6	13	11,6	8	9,8
Trabalhador(a)	191	63,2	63	58,3	70	62,5	58	70,7
Desempregado(a)	15	5,0	4	3,7	6	5,4	5	6,1
<b>Meio de Residência</b>								
Urbano	234	77,5	80	74,1	88	78,6	66	80,5
Rural	68	22,5	28	25,9	24	21,4	16	19,5

*Nota.* NU = Não Usa Aplicações de Dating; U = Usa Aplicações de Dating; JU = Já Usou Aplicações de Dating. N = Amostra Total; n = Frequência de Casos; % = Percentagem Válida;

Outros dados complementares foram evidenciados na Tabela 2 como a religião, a tipologia familiar atual e o número de parceiros amorosos e sexuais teve até ao momento da participação neste estudo.

**Tabela 2**

*Caracterização de Dados Complementares em Função da Utilização de Apps de Dating (N = 302)*

	n	%	NU		U		JU	
			n	%	n	%	n	%
<b>Religião</b>								
Católica	176	58,3	73	67,6	51	45,5	52	63,4
Ortodoxa	1	0,3	1	0,9	-	-	-	-
Protestante	6	2,0	1	0,9	3	2,7	2	2,4
Outra cristã	8	2,6	3	2,8	4	3,6	2	2,4
Outra não cristã	12	4,0	3	2,8	4	3,6	5	6,1
Sem religião	99	32,8	28	25,9	50	44,6	21	25,6
<b>Prática de Religião</b>								
Não respondeu	1	0,5	-	-	-	-	-	-
Praticante	55	27,1	18	16,7	17	15,2	18	22,0
Não Praticante	147	72,4	90	83,3	95	84,8	64	78,0
<b>Tipologia Familiar Atual</b>								
Unipessoal	42	13,9	6	5,6	23	20,5	13	15,9
Casal	29	9,6	12	11,1	5	4,5	12	14,6
Nuclear intacta	140	46,4	52	48,1	49	43,8	39	47,6
Nuclear alargada	24	7,9	14	13,0	7	6,3	3	3,7
Reconstituída	12	4,0	5	4,6	4	3,6	3	3,7
Monoparental	55	18,2	19	17,6	24	21,4	12	14,6
<b>Parceiros Amorosos</b>								
1 a 5	244	80,8	86	79,6	97	86,6	61	74,4
6 a 10	47	15,6	18	16,7	14	12,5	15	18,3
11 a 15	5	1,7	3	2,8	-	-	2	2,4
16 a 20	3	1,0	1	0,9	-	-	2	2,4
+ de 21	3	1,0	-	-	1	0,9	2	2,4
<b>Parceiros Sexuais</b>								
0	5	1,7	5	4,6	-	-	-	-
1 a 5	122	40,4	75	69,4	12	10,7	35	42,7
6 a 10	64	21,2	18	16,7	23	20,5	23	28,0
11 a 15	22	7,3	4	3,7	8	7,1	10	12,2
16 a 20	27	8,9	2	1,9	19	17,0	6	7,3
+ de 21	62	20,5	4	3,7	50	44,6	8	9,8

*Nota. NU = Não Usa Aplicações de Dating; U = Usa Aplicações de Dating; JU = Já Usou Aplicações de Dating. N = Amostra Total; n = Frequência de Casos; % = Percentagem Válida;*

Relativamente à religião, 176 (58,3%) indivíduos são católicos, 1 (0,3%) ortodoxo, 6 (2,0%) protestantes, 8 (2,6%) pertencem a outra religião cristã, 12 (4,0%) pertencem a outra religião não cristã e 99 participantes (32,8%) afirmam não ter religião. Dos que têm uma religião (n = 203), relativamente à prática da religião, 1 (0,5%) não respondeu, 55 (27,1%) são praticantes e 147 (72,4%) são não praticantes.

Quanto ao agregado familiar atual de cada participante, 42 indivíduos vivem sozinhos - unipessoal - (13,9%), 29 (9,6%) pertencem a um casal, 140 (46,4%) integram uma família nuclear intacta, 24 (7,9%) uma família nuclear alargada, 12 (4,0%) uma família reconstruída e 55 (18,2%) uma família monoparental.

Em relação ao número de parceiros amorosos, os participantes referiram entre 1 a 100 ( $M = 4,43$  e  $DP = 6,663$ ) e em relação ao número de parceiros sexuais entre 0 a 2000 ( $M = 33,02$  e  $DP = 7,76$ ).

### **Procedimentos**

Os dados foram recolhidos via *online* com recurso à plataforma *Google Docs*, tendo sido a presente investigação divulgada através de redes sociais *Facebook* e *Instagram* e em aplicações digitais de encontros (*dating apps*), como o *Tinder* e o *Grindr*.

Os indivíduos deram o seu consentimento informado (Apêndice A) no momento da participação, tendo conhecimento do objetivo da investigação, dos critérios de inclusão e informações relativas ao anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos, bem como, a sua utilização apenas para fins previstos nesta investigação - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, no Instituto Superior Miguel Torga. Os critérios de inclusão foram ter 18 ou mais anos e ter tido pelo menos uma relação amorosa.

O preenchimento do protocolo demorou entre 15 a 20 minutos.

A recolha de dados teve início a 3 de março de 2020 e terminou a 16 de junho deste mesmo ano.

### **Instrumentos**

O protocolo deste estudo é constituído pelos seguintes instrumentos:

1) *Questionário sociodemográfico e de dados complementares*: incluiu questões sobre dados individuais e familiares, uso de redes sociais e aplicações digitais de encontros (*dating apps*) e relativas a envolvimento atuais e anteriores, entendidos como amorosos e/ou sexuais (Apêndice B);

2) *Escala de Vinculação do Adulto* (EVA): desenvolvida por Canavarro, em 1997, correspondendo à versão Portuguesa da versão original *Adult Attachment Scale-R* desenvolvida por Collins e Read (1990) (Canavarro et al., 2006).

A EVA é um instrumento de autorresposta (Anexo 1) e tem como finalidade explorar e avaliar o tipo de vinculação que o indivíduo estabelece com os pares, classificando-o segundo a tipologia desenvolvida por Bartholomew (Canavarro et al., 2006). É composto por 18 itens distribuídos por três dimensões: 1) “Ansiedade”: correspondendo ao grau de ansiedade que o indivíduo sente em relação a questões interpessoais, como o medo do abandono ou de não ser querido - itens: 3,4,9,10,11 e 15; 2) “Contacto com a Proximidade”: relacionado com o grau em que o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade - itens: 1,6,8,12,13 e 14; e 3) “Confiança nos Outros”: compreende o grau de confiança nos outros e na sua disponibilidade quando necessária - itens: 2,5,7,16,17 e 18. As respostas são tipo *Likert*

permitindo, assim, quantificar cada um dos itens numa pontuação de resposta que varia de 1- “*nada característico em mim*”, a 5 – “*extremamente característico em mim*”. Os itens 2,7,8,13,16,17 e 18 têm uma pontuação invertida.

A classificação dos padrões de vinculação é atribuída a partir da média, do valor bruto, da dimensão “ansiedade” e da média do valor compósito entre o “Conforto com a Proximidade” e a “confiança nos outros” – “*Conforto Confiança*” - (Canavarro et al., 2006). Com valores superiores a 3 na dimensão “*Conforto Confiança*” e inferiores a 3 na dimensão “ansiedade” os indivíduos são classificados como seguros; com valores superiores a 3 em ambas as dimensões –preocupados; com valores inferiores a 3 nas duas dimensões – desligados; com valores inferiores a 3 na dimensão “*Conforto Confiança*” e superiores a 3 na dimensão “ansiedade” – amedrontados.

Na Tabela 3 estão representados os valores de *alfa de Cronbach* obtidos para cada dimensão neste estudo, assim como os valores obtidos na validação da versão original (Collins & Read, 1990) e na validação para a população portuguesa (Canavarro et al., 2006). A pontuação final bruta de cada dimensão pode variar entre 6 e 30.

**Tabela 3**  
*Consistência Interna da EVA*

Dimensões	Itens	Min	Max	N = 302	Alfa de Cronbach	
					(Collins & Read, 1990) N = 470	(Canavarro et al., 2006) N = 434
Ansiedade	3,4,9,10,11 e 15	6	30	0,88	0,72	0,84
Contacto com a Proximidade	1,6,8*,12,13* e 14	6	30	0,62	0,69	0,67
Confiança nos Outros	2*,5,7*,16*, 17* e 18*	6	30	0,50	0,75	0,54
<b>Escala completa</b>				0,50	-	0,81

*Nota: \* Itens Invertidos; N = Amostra Total; Min = Mínimo; Max = Máximo;*

**3) Escala de Atitudes Sexuais (EAS):** esta escala é a versão Portuguesa da *Sexual Attitudes Scale* (Hendrick & Hendrick, 1987), foi traduzida e validada para a população portuguesa por Alferes em 1999 (Alferes, 1999). Tem como finalidade medir as atitudes sexuais através de 43 itens (Anexo 2) subdivididos por quatro subescalas: 1) “Permissividade Sexual” (PER) referente às atitudes face ao “sexo ocasional”, ao “sexo sem compromisso” e à diversidade e simultaneidade de parceiros sexuais – itens 1 a 21; 2) “Práticas Sexuais” (PRA) abrangendo as atitudes face ao planeamento familiar, educação sexual e prática de masturbação

– itens 22 a 28; 3) “Comunhão” (COM) relativa a atitudes para com o sexo como “experiência íntima física e psicológica, partilha, envolvimento e idealismo” – itens 29 a 37; e 4) “Instrumentalidade” (INS) indicando uma atitude de orientação para o “sexo utilitário”, visando a obtenção de prazer meramente físico – itens 38 a 43. Os itens 19, 20 e 21 têm uma pontuação invertida. É um instrumento de autorresposta tipo *Likert*, que varia entre 1 e 5, sendo que o 1 corresponde a “*completamente em desacordo*” e o 5 a “*completamente de acordo*”.

O resultado para cada uma das quatro subescalas resulta do somatório das respostas dadas em cada um dos seus itens. Altas concordâncias refletem atitudes utilitárias do sexo, baixas concordâncias refletem o contrário (Alferes, 1999).

Na Tabela 4 apresentam-se os valores de *alfa de Cronbach* obtidos para cada subescala neste estudo, assim como os valores obtidos na validação da versão original, por Hendrick & Hendrick (1987) e na tradução e validação da versão para a população portuguesa, por Alferes (1999).

**Tabela 4**  
*Consistência Interna da EAS*

Subescalas	Itens	Min	Max	N = 302	Alfa de Cronbach		
					(Hendrick & Hendrick, 1987)	(Alferes, 1999)	
					N = 807	N = 567	N = 365
<i>Permissividade Sexual</i> (PER)	1 a 19*, 20* e 21*	21	105	0,90	0,94	0,93	0,83
<i>Práticas Sexuais</i> (PRA)	22 a 28	7	35	0,85	0,69	0,82	0,58
<i>Comunhão</i> (COM)	29 a 37	9	45	0,87	0,79	0,74	0,71
<i>Instrumentalidade</i> (INS)	38 a 43	6	30	0,76	0,80	0,78	0,65
Total	Escala Completa			0,88	-	-	0,83

Nota: \* Itens Invertidos; N = Amostra Total; Min = Mínimo; Max = Máximo;

Verificou-se que, a nível geral, os alfas variam entre 0,6 – fracos - a 0,9 – muito bons - (Pestana & Gageiro, 2014) e aproximam-se dos valores obtidos nos estudos de validação. Por sua vez, e comparativamente aos valores encontrados nesta dimensão por Canavarro (2006) na tradução e validação para a população portuguesa, o valor encontra-se aproximado ( $\alpha = 0,54$ ). Relativamente às subescalas da EAS, os alfas, foram superiores à validação da escala original e da validação para a população portuguesa.

## Análise Estatística

Para o tratamento e análise estatística dos dados recolhidos foi utilizado o programa informático *Statistical Package for Social Sciences* - IBM SPSS, versão 24 para Windows, 2016.

O resultado obtido, através do teste da normalidade de *Kolmogorov-Smirnov*, indicou uma distribuição não normal das variáveis ( $p < 0,05$ ). Assim sendo foram tidos em atenção os critérios de Kim (2013) para amostras superiores a 300 participantes, sendo que valores absolutos de curtose superiores a 7 e de assimetria superiores a 2 indicam não-normalidade substancial. Com isto, os valores observados sobre a simetria e a curtose, indicaram uma distribuição normal para as dimensões da EVA (“Ansiedade”,  $si = 0,24$ ;  $cu = -0,63$ ; “Conforto com a Proximidade”:  $si = 0,16$ ;  $cu = -0,15$ ; “Confiança nos Outros”:  $si = -0,16$ ;  $cu = 0,04$ ) e para as subescalas da EAS (PER:  $si = 0,08$ ;  $cu = -0,73$ ; PRA:  $si = -2,13$ ;  $cu = 6,42$ ; COM:  $si = -0,96$ ,  $cu = 1,16$ ; INS:  $si = 0,42$ ;  $cu = -0,21$ ).

Importa referir que para a análise bivariada foi necessário recorrer à recodificação de algumas categorias e de excluir sujeitos cuja expressão numérica era diminuta e com distribuição não-normal. Sempre que os pressupostos teóricos não estavam garantidos ( $n < 300$ ) recorreu-se à teoria de Kim (2013) para a análise da distribuição da amostra ( $50 < n < 300$ ), para uma melhor seleção dos testes a usar, fossem paramétricos ou não-paramétricos.

## Resultados

### Vinculação - EVA

Na escala da vinculação do adulto – EVA – os resultados obtidos na amostra total são entendidos como valores medianos a medianos altos (Tabela 5).

**Tabela 5**

*Dimensões da EVA (N = 302)*

EVA Dimensões	Min	Max	M	Desvio Padrão
Ansiedade	1,00	5,00	2,81	0,94
Contacto com a Proximidade	1,67	4,83	3,39	0,60
Confiança nos Outros	1,17	4,50	2,98	0,60

*Nota. Valores obtidos em função do valor bruto pelo número de itens correspondentes a cada escala. N = Amostra Total; Min = Mínimo; Max = Máximo; M = Média;*

A dimensão com pontuação mais elevada é o “Contacto com a Proximidade” ( $M = 3,39$ ) e o resultado traduz o conforto com a proximidade e intimidade, seguindo-se a “Confiança nos Outros” ( $M = 2,98$ ) que evidencia a perceção de disponibilidade dos outros quando necessária e por último a “Ansiedade” ( $M = 2,81$ ), com um resultado médio indicando alguma ansiedade relacionada com questões interpessoais de receio de abandono ou de não ser querido.

Pretendeu-se verificar se havia diferenças significativas nas dimensões – EVA - em função das variáveis sociodemográficas e dos dados complementares. Relativamente à idade, sexo, orientação sexual, utilização de *apps* de *dating*, prática de religião e número de parceiros amorosos não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (Tabela A- em Apêndice). Contudo, através dos valores médios foi possível observar que os indivíduos com idades inferiores ou iguais a 28 anos, do sexo masculino, bissexuais, com menor número de parceiros amorosos (1 a 5), que não têm prática religiosa, e que usam ou já usaram *apps* de *dating* apresentaram valores médios mais elevados quanto à dimensão “Ansiedade”. No “Contacto com a Proximidade” quem obteve médias mais elevadas foi o grupo entre os 25 e 28 anos, sexo masculino, heterossexuais, que tiveram entre 6 a 10 parceiros amorosos, que têm prática religiosa e já usaram *apps* de *dating*.

Quanto à “Confiança nos Outros” as pontuações mais elevadas estão entre os 29-33 anos, sexo feminino, heterossexuais, que tiveram entre 6 a 10 parceiros amorosos, sem diferenças na prática religiosa, e que não usam *apps* de *dating*.

Observaram-se diferenças estatisticamente significativas na dimensão “Ansiedade” e “Confiança nos Outros”, evidenciadas na Tabela 6, em função da tipologia familiar e do número de parceiros sexuais que cada indivíduo teve até ao momento da participação.

Quanto à dimensão “Ansiedade” foram os indivíduos que se encontram num relacionamento – casal - que apresentaram um valor médio mais baixo ( $M = 2,14$ ), ou seja, percebem um menor grau de ansiedade, existindo diferenças significativas entre este grupo e quem vive sozinho ( $M = 2,87$ ), entre casal ( $M = 2,14$ ) e famílias nucleares intactas ( $M = 2,95$ ), entre casal ( $M = 2,14$ ) e famílias alargadas ( $M = 2,86$ ) e entre casal ( $M = 2,14$ ) e famílias monoparentais ( $M = 2,78$ ). Destes grupos, os que apresentaram valores médios mais altos, ou seja, um grau mais elevado de ansiedade, são os indivíduos que pertencem a famílias nucleares intactas ( $M = 2,95$ ).

No mesmo sentido quanto à dimensão “Confiança nos Outros”, os sujeitos que vivem em casal são quem apresenta a média mais elevada ( $M = 3,35$ ), ou seja, apresentam maior grau de confiança nos outros. Observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre casal ( $M = 3,35$ ) e quem vive sozinho ( $M = 2,92$ ) e entre casal ( $M = 3,35$ ) e família nuclear intacta ( $M = 2,93$ ). Os sujeitos que apresentaram um valor médio mais baixo nesta dimensão são os que vivem sozinhos ( $M = 2,92$ ).

Relativamente ao número de parceiros sexuais há diferenças significativas somente na dimensão “Confiança nos Outros”, sendo que o grupo que apresenta valores mais altos são os sujeitos que tiveram entre 11 a 15 parceiros sexuais ( $M = 3,20$ ), demonstrando mais confiança

nos outros, e quem tem o valor mais baixo são os sujeitos que tiveram mais de 21 parceiros sexuais ( $M = 2,75$ ). As diferenças estatisticamente significativas são entre os sujeitos que tiveram 6 a 10 parceiros sexuais ( $M = 3,14$ ) e mais de 21 ( $M = 2,75$ ) e entre estes e os que tiveram 11 a 15 parceiros sexuais ( $M = 3,20$ ).

**Tabela 6**

*Diferenças entre as Dimensões da EVA em Função da Tipologia Familiar e do Número de Parceiros Sexuais*

Tipologia Familiar atual <sup>a</sup>	Ansiedade		Contacto com a Proximidade		Confiança nos Outros	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1 – Unipessoal	<b>2,87</b>	1,02	3,42	0,67	<b>2,92</b>	0,56
2 - Casal	<b>2,14</b>	0,77	3,52	0,66	<b>3,35</b>	0,72
3 - Família nuclear intacta	<b>2,95</b>	0,97	3,38	0,61	<b>2,93</b>	0,54
4 - Família nuclear alargada	<b>2,86</b>	0,80	3,30	0,38	2,99	0,62
5 - Família monoparental	<b>2,78</b>	0,84	3,31	0,57	3,00	0,67
<i>ANOVA (F)</i>	<b>4,700 **</b>		0,760 <sup>NS</sup>		<b>3,284 *</b>	
Comparação múltipla de médias de ordens	<b>1 vs 2 *</b>				<b>1 vs 2 *</b>	
	1 vs 3 <sup>NS</sup>				1 vs 3 <sup>NS</sup>	
	1 vs 4 <sup>NS</sup>				1 vs 4 <sup>NS</sup>	
	1 vs 5 <sup>NS</sup>				1 vs 5 <sup>NS</sup>	
	<b>2 vs 3 ***</b>				<b>2 vs 3 **</b>	
	<b>2 vs 4 **</b>				2 vs 4 <sup>NS</sup>	
	<b>2 vs 5 **</b>				2 vs 5 <sup>NS</sup>	
	3 vs 4 <sup>NS</sup>				3 vs 4 <sup>NS</sup>	
	3 vs 5 <sup>NS</sup>				3 vs 5 <sup>NS</sup>	
4 vs 5 <sup>NS</sup>				4 vs 5 <sup>NS</sup>		
<b>Parceiros sexuais <sup>b</sup></b>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1 - 1 a 5	2,77	0,94	3,35	0,57	2,99	0,61
2 - 6 a 10	2,74	0,95	3,42	0,57	<b>3,14</b>	0,49
3 - 11 a 15	2,95	0,96	3,45	0,77	<b>3,20</b>	0,64
4 - 16 a 20	2,82	1,11	3,39	0,61	2,96	0,61
5 - + de 21	2,90	0,88	3,45	0,64	<b>2,75</b>	0,60
<i>ANOVA (F)</i>	-		0,694 <sup>NS</sup>		<b>3,284 **</b>	
<i>Kruskal -Wallis (H)</i>	2,115 <sup>NS</sup>		-		-	
Comparação múltipla de médias de ordens					1 vs 2 <sup>NS</sup>	
					1 vs 3 <sup>NS</sup>	
					1 vs 4 <sup>NS</sup>	
					1 vs 5 <sup>NS</sup>	
					2 vs 3 <sup>NS</sup>	
					2 vs 4 <sup>NS</sup>	
					<b>2 vs 5 **</b>	
					3 vs 4 <sup>NS</sup>	
				<b>3 vs 5 *</b>		
				4 vs 5 <sup>NS</sup>		

*Nota. Relativamente a determinadas categorias teve-se em conta o número reduzido de participantes levando a alterações da amostra total (N = 302). EVA = Escala da Vinculação do Adulto; N = Amostra Total; n = Frequência de Casos; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; H = H de Kruskal-Wallis;*

<sup>a</sup> n = 290; <sup>b</sup> n = 297;

\*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> Não significativo;

### Tipos de Vinculação dos Participantes

Através dos resultados obtidos (Média) na dimensão “Ansiedade” e o do valor composto entre a dimensão “Conforto com a Proximidade” e a dimensão “Confiança nos Outros” (=

“Conforto Confiança”) classificaram-se os participantes ( $N = 302$ ) quanto ao padrão de vinculação de acordo com a teoria de Bartholomew.

Foram classificados 124 indivíduos (41,1%) com um padrão seguro, 54 (17,9%) com padrão preocupado, 42 (13,9%) com padrão desligado, 55 (18,2%) com padrão amedrontado e 27 (8,9%) não se enquadraram em nenhum padrão sendo designados como não classificáveis (N.C.). A Tabela 7 descreve a frequência e a percentagem dos padrões de vinculação.

**Tabela 7**

*Análise Descritiva dos Padrões de Vinculação Segundo a Classificação através dos Valores Obtidos nas Dimensões da EVA (N = 302)*

Classificação do Tipo de Vinculação	<i>n</i>	%
Seguro	124	41,1
Preocupado	54	17,9
Desligado	42	13,9
Amedrontado	55	18,2
Não Classificável (N.C.)	27	8,9

*Nota. EVA= Escala da Vinculação do Adulto; N =Amostra Total; n = Frequência de Casos; % = Percentagem Válida;*

As classificações atribuídas posteriormente foram analisadas em função da idade, sexo e orientação sexual assim como as dimensões da EVA em função do tipo de vinculação (Tabela B e C; Apêndice C).

Posteriormente foram analisados os padrões de vinculação relativamente ao uso das aplicações de *dating* através de tabulação cruzada (Tabela 8).

**Tabela 8**

*Análise do Uso de Apps de Dating em Função dos Padrões de Vinculação (N = 275)*

Uso de apps de dating	Seguro		Preocupado		Desligado		Amedrontado	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Não usa apps	56	20,4	13	4,7	11	4,0	13	4,7
<b>RA</b>	<b>3,6</b>		<b>-1,7</b>		<b>-1,1</b>		<b>-1,8</b>	
Usa apps	27	9,8	17	6,2	10	3,6	16	5,8
<b>RA</b>	<b>-1,3</b>		<b>1,1</b>		<b>-0,3</b>		<b>0,7</b>	
Por vezes usa apps	13	4,7	5	1,8	7	2,5	5	1,8
<b>RA</b>	<b>-0,2</b>		<b>-0,4</b>		<b>1,3</b>		<b>-0,5</b>	
Já usou apps	25	9,1	18	6,5	14	5,1	17	6,2
<b>RA</b>	<b>-2,3</b>		<b>1,2</b>		<b>1,0</b>		<b>0,7</b>	
Ainda não usou mas talvez use	3	1,1	1	0,4	0	0	4	1,5
<b>RA</b>	<b>-0,4</b>		<b>-0,5</b>		<b>-1,2</b>		<b>2,2</b>	
<b>Qui-Quadrado (<math>X^2</math>)</b>					<b>21,031 *</b>			

*Nota. As categorias usadas nesta análise foram baseadas nas respostas iniciais: Não Usa Apps; Usa Apps; Por Vezes Usa Apps; Não Usa, mas Talvez Use; n = Frequência de Casos; % = Percentagem Válida; RA = Valor dos Resíduos Ajustados;*

*\*p < 0,05;*

Através do resultado de *Qui-quadrado* ( $X^2 = 21,031$ ,  $p = 0,050$ ) observou-se que os padrões de vinculação estão associados o uso de apps de *dating*. De modo a identificar quais

as células que contribuem para a significância da relação global entre as variáveis recorreu-se aos resíduos estandardizados e ajustados (Teixeira, 2016).

Deste modo, encontrou-se uma relação significativa entre o padrão de vinculação seguro e o não uso de aplicações de *dating* (RA = 3,6). Os indivíduos com um padrão amedrontado apresentam também uma relação significativa em relação à curiosidade em usar *apps* de *dating* embora ainda não tenham usado (RA = 2,2).

Posteriormente foi analisado o grau de satisfação na utilização de *apps* de *dating* em função dos padrões de vinculação (Tabela 9). Segundo os resultados obtidos não foram observadas diferenças estatisticamente significativas nos padrões de vinculação consoante o grau de satisfação.

**Tabela 9**

*Análise da Satisfação com o Uso de Apps de Dating em Função dos Padrões de Vinculação (N = 275)*

Grau de satisfação	Seguro		Preocupado		Desligado		Amedrontado	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Nada Satisfeito	4	18,2	4	18,2	6	27,3	8	36,4
Pouco Satisfeito	22	32,4	16	23,5	13	19,1	17	25,0
Satisfeito	34	44,7	20	26,3	10	13,2	12	15,8
Muito Satisfeito	4	50	1	12,5	2	25	1	12,5
Extremamente satisfeito	0	-	0	-	0	-	0	-
<b>Qui-Quadrado (<math>X^2</math>)</b>					11,406 <sup>NS</sup>			

*Nota. As categorias usadas nesta análise foram baseadas nas respostas iniciais: Não Usa Apps; Usa Apps; Por vezes Usa Apps; Não Usa, mas Talvez Use; N = Amostra Total; n = Frequência de casos; % = Percentagem Válida;*

<sup>NS</sup> = Não Significativo;

Apesar de não terem sido encontradas diferenças entre os grupos foi possível observar através das percentagens que o padrão seguro e o preocupado apresentam um grau de satisfação entre pouco satisfeito (32,4% e 23,5%) a satisfeito (44,7% a 26,3%), enquanto o padrão desligado e amedrontado apresentam um grau de satisfação menor, comparativamente aos anteriores, entre nada satisfeito (27,3% e 36,4%) e pouco satisfeito (19,1% e 25,0%).

Nesta amostra nenhum dos participantes referiu encontrar-se extremamente satisfeito com o uso de *apps* de *dating*.

### Atitudes Sexuais - EAS

Relativamente à EAS, os resultados da amostra, em geral, variam entre valores medianos a medianos altos (Tabela 10).

A pontuação mais elevada foi na subescala das “Práticas Sexuais” ( $M = 4,49$ ) o que demonstra que os participantes têm elevada concordância face ao planeamento familiar, à educação sexual e à prática de masturbação, seguindo-se a “Comunhão” ( $M = 4,05$ ) com um

valor médio alto, compreendendo as atitudes para com o sexo como uma “experiência íntima física e psicológica, de partilha, envolvimento e idealismo.

**Tabela 10**  
*Subescalas da EAS (N = 302)*

<b>EAS Subescalas</b>	<i>Min</i>	<i>Max</i>	<i>M</i>	<i>Desvio Padrão</i>
Permissividade Sexual (PER)	1,00	4,43	2,61	0,77
Práticas Sexuais (PRA)	1,00	5,00	4,49	0,65
Comunhão (COM)	1,22	5,00	4,05	0,71
Instrumentalidade (INS)	1,00	5,00	2,51	0,86

*Nota. Valores obtidos em função do valor bruto pelo número de itens correspondentes a cada escala. N = Amostra Total; Min = Mínimo; Max = Máximo; M = Média;*

Relativamente à “Permissividade Sexual” ( $M = 2,61$ ), o valor obtido é considerado como médio, estando relacionado com uma concordância moderada para com o sexo ocasional e sem compromisso, no consentimento na diversidade de parceiros e, também, na perceção do sexo apenas como uma forma de partilha e de obtenção de prazer, e por último a “Instrumentalidade” ( $M = 2,51$ ), valor médio, que indica uma concordância média para as atitudes para o sexo como “utilitário”, somente como uma forma de obtenção de prazer físico.

Pretendeu-se verificar se havia diferenças significativas nas subescalas – EAS - em função das variáveis sociodemográficas, das quais a idade, sexo, orientação sexual, utilização de *apps* de *dating*. Relativamente à variável idade não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos. A Tabela 11 apresentam os resultados de acordo com as variáveis mencionadas.

Existem diferenças estatisticamente significativas na “Permissividade Sexual” quanto ao sexo, sendo o sexo masculino mais permissivo ( $M = 2,85$ ) do que o feminino ( $M = 2,34$ ). Na orientação sexual quem apresenta um valor mais alto são os homossexuais ( $M = 2,92$ ) e o mais baixo os bissexuais ( $M = 2,69$ ), as diferenças encontram-se entre heterossexuais ( $M = 2,31$ ) e homossexuais ( $M = 2,92$ ) e entre os heterossexuais ( $M = 2,31$ ) e os bissexuais ( $M = 2,69$ ). Quanto ao uso de *apps* de *dating* quem usa *apps* apresenta um valor médio mais elevado ( $M = 2,99$ ), ou seja, apresenta maior permissividade. As diferenças encontram-se entre quem não usa ( $M = 2,31$ ) e quem usa/por vezes usa ( $M = 2,99$ ) e entre quem usa/por vezes usa ( $M = 2,99$ ) e quem já usou ( $M = 2,46$ ).

Relativamente às “Práticas Sexuais” observaram-se diferenças estatisticamente significativas unicamente em função do sexo, tendo o sexo feminino a média mais elevada ( $M$

= 4,58) do que o masculino ( $M = 4,38$ ), ou seja, as mulheres apresentam maior concordância face ao planeamento familiar, à educação sexual e à prática de masturbação do que os homens.

**Tabela 11**

*Análise de Diferenças entre as Subescalas da EAS em Função das Variáveis Sociodemográficas (N = 302)*

	PER		PRA		COM		INS	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
<b>Idade</b>								
<=24	2,67	0,77	4,45	0,61	4,09	0,60	2,51	0,87
25-28	2,67	0,69	4,47	0,76	4,00	0,82	2,63	0,84
29-33	2,59	0,84	4,46	0,69	3,96	0,74	2,34	0,83
>34	2,47	0,82	4,61	0,50	4,15	0,62	2,52	0,88
ANOVA (F)	1,088 <sup>NS</sup>		-		1,084 <sup>NS</sup>		1,518 <sup>NS</sup>	
Kruskal -Wallis (H)	-		3,299 <sup>NS</sup>		-		-	
<b>Sexo</b>								
Masculino	<b>2,85</b>	<b>0,72</b>	<b>4,38</b>	<b>0,76</b>	<b>3,90</b>	<b>0,74</b>	2,53	0,89
Feminino	<b>2,34</b>	<b>0,72</b>	<b>4,58</b>	<b>0,53</b>	<b>4,21</b>	<b>0,64</b>	2,47	0,78
T-Student (t)	<b>6,609 ***</b>		<b>-2,750 **</b>		<b>-3,893 ***</b>		0,418 <sup>NS</sup>	
<b>Orientação sexual<sup>a</sup></b>								
1 Heterossexual	<b>2,31</b>	<b>0,71</b>	4,47	0,65	<b>4,16</b>	<b>0,67</b>	2,48	0,80
2 Homossexual	<b>2,92</b>	<b>0,73</b>	4,46	0,71	<b>3,94</b>	<b>0,75</b>	2,55	0,88
3 Bissexual	<b>2,69</b>	<b>0,62</b>	4,50	0,58	3,96	0,68	2,40	0,84
ANOVA (F)	-		-		<b>3,764 *</b>		0,384 <sup>NS</sup>	
Kruskal -Wallis (H)	<b>44,350 ***</b>		0,002 <sup>NS</sup>		-		-	
Comparação múltipla de médias de ordens	<b>1 vs 2 ***</b>				<b>1 vs 2 *</b>			
	<b>1 vs 3 **</b>				1 vs 3 <sup>NS</sup>			
	2 vs 3 <sup>NS</sup>				2 vs 3 <sup>NS</sup>			
<b>Uso de apps de dating</b>								
1 Não usa	<b>2,31</b>	0,73	4,56	0,58	<b>4,19</b>	<b>0,65</b>	2,39	0,80
2 Usa/Por vezes usa	<b>2,99</b>	0,68	4,45	0,69	<b>3,89</b>	<b>0,73</b>	2,57	0,87
3 Já usou	<b>2,46</b>	0,70	4,39	0,72	4,08	0,72	2,54	0,83
ANOVA (F)	<b>30,758 ***</b>		-		<b>6,196 **</b>		1,107 <sup>NS</sup>	
Kruskal -Wallis (H)	-		4,231 <sup>NS</sup>		-		-	
Comparação múltipla de médias de ordens	<b>1 vs 2 ***</b>				<b>1 vs 2 **</b>			
	1 vs 3 <sup>NS</sup>				1 vs 3 <sup>NS</sup>			
	<b>2 vs 3 ***</b>				2 vs 3 <sup>NS</sup>			

*Nota. Relativamente a determinadas categorias teve-se em conta o número reduzido de participantes levando a alterações da amostra total (N = 302). EAS = Escala das Atitudes Sexuais; PER = Permissividade Sexual; PRA = Práticas Sexuais; COM = Comunhão; INS = Instrumentalidade; N = Amostra Total; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; H = H de Kruskal-Wallis; t = Teste T-Student; U = U de Mann-Whitney;*

<sup>a</sup> n = 296;

\* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> Não Significativo;

Em relação à “Comunhão” observam-se diferenças estatisticamente significativas entre o sexo, a orientação sexual e o uso de *apps* de *dating*. As mulheres apresentam médias mais elevadas ( $M = 4,21$ ) em comparação com os homens ( $M = 4,38$ ) cujo significado permite entender que as mulheres percebem mais o sexo como uma “experiência íntima física e psicológica, de partilha, envolvimento e idealismo do que os homens. Relativamente à orientação sexual, os heterossexuais apresentam valores mais altos ( $M = 4,16$ ) em comparação com os bissexuais ( $M = 3,96$ ) e com os homossexuais ( $M = 3,94$ ), observando diferenças significativas entre heterossexuais ( $M = 4,16$ ) e homossexuais ( $M = 3,94$ ).

Por último, quanto ao uso de *apps* de *dating*, existem diferenças entre quem não usa ( $M = 4,19$ ), com um valor médio mais alto, e quem usa ( $M = 3,89$ ), significando que quem usa tem uma maior concordância para atitudes face ao sexo como uma “experiência íntima física e psicológica, de partilha, envolvimento e idealismo.

Foram, também, analisadas as subescalas – EAS - em função da tipologia familiar, prática de religião, número de parceiros amorosos e sexuais que cada sujeito teve até ao momento da participação no estudo. Quanto à tipologia familiar não foram observadas diferenças estatisticamente significativas e na subescala “Comunhão”.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas relativamente à prática de religião, ao número de parceiros amorosos e sexuais. A Tabela 12 evidencia os resultados observados.

Na subescala “Permissividade Sexual” quanto à prática de religião e ao número de parceiros sexuais foram observadas diferenças estatisticamente significativas. Indivíduos que não praticam religião ( $M = 2,67$ ) são mais permissivos que aqueles que praticam ( $M = 2,35$ ). De acordo com o número de parceiros sexuais, quanto maior é o número de parceiros maior é a pontuação nesta subescala, existindo diferenças entre quem teve 1 a 5 parceiros ( $M = 2,16$ ) e entre 6 a 10 ( $M = 2,65$ ), entre 1 a 5 parceiros ( $M = 2,16$ ) e 11 a 15 ( $M = 2,96$ ), entre 1 a 5 parceiros ( $M = 2,16$ ) e 16 a 20 ( $M = 3,01$ ) entre 1 a 5 parceiros ( $M = 2,16$ ) e mais de 21 ( $M = 3,20$ ), e, também, entre 16 a 20 parceiros ( $M = 3,01$ ) e mais de 21 ( $M = 3,20$ ).

Assim sendo, quem não pratica uma religião e que teve um número elevado de parceiros sexuais, segundo os resultados, apresenta uma maior concordância para o sexo ocasional e sem compromisso, consentimento na diversidade de parceiros, perceção de sexo apenas como uma partilha e como forma a obter de prazer.

Quanto às “Práticas Sexuais” foram somente observadas diferenças na variável prática de religião, sendo que quem não pratica uma religião ( $M = 4,51$ ) tem uma maior concordância comparativamente a quem pratica ( $M = 4,39$ ). De acordo com os resultados obtidos, a prática de religião aparenta ter influência perante as atitudes face ao planeamento familiar, à educação sexual e à prática de masturbação.

Na “Instrumentalidade” somente se observaram diferenças estatisticamente significativas quanto ao número de parceiros amorosos, onde quem teve um número superior de parceiros – entre 6 a 10 - apresentou uma pontuação mais elevada ( $M = 2,67$ ) comparativamente a quem teve um número inferior – entre 1 a 5 – ( $M = 2,46$ ). De acordo com isto, quanto maior for o número de parceiros amorosos maior será a perceção de sexo como “utilitário”, visando somente a obtenção de prazer físico.

**Tabela 12**

Análise de Diferenças entre as Subescalas da EAS em Função dos Dados Complementares

Tipologia Familiar atual <sup>a</sup>	PER		PRA		COM		INS	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Unipessoal	2,86	0,70	4,56	0,53	4,05	0,72	2,47	0,70
Casal	2,49	0,88	4,59	0,77	4,16	0,80	2,39	0,84
Família nuclear intacta	2,58	0,83	4,48	0,63	3,98	0,71	2,51	0,87
Família nuclear alargada	2,54	0,57	4,42	0,66	4,21	0,63	2,56	0,78
Família monoparental	2,59	0,71	4,34	0,82	4,00	0,70	2,62	0,96
ANOVA (F)	1,373 <sup>NS</sup>		-		-		0,414 <sup>NS</sup>	
Kruskal -Wallis (H)	-		5,909 <sup>NS</sup>		3,997 <sup>NS</sup>		-	
<b>Prática de Religião <sup>b</sup></b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
Praticante	<b>2,35</b>	0,74	<b>4,39</b>	0,55	4,17	0,58	2,69	0,96
Não praticante	<b>2,67</b>	0,77	<b>4,51</b>	0,67	4,02	0,73	2,47	0,83
T-Student (t)	<b>2,761 *</b>		-		-1,369 <sup>NS</sup>		-1,697 <sup>NS</sup>	
U de Mann-Whitney (U)	-		<b>5362,000 *</b>		-		-	
<b>Nº Parceiros Amorosos <sup>c</sup></b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
1 a 5	2,59	0,79	4,46	0,69	4,05	0,71	<b>2,46</b>	0,84
6 a 10	2,70	0,68	4,48	0,55	4,00	0,77	<b>2,67</b>	0,78
T-Student (t)	-0,941 <sup>NS</sup>		-		-		-	
U de Mann-Whitney (U)	-		1351,500 <sup>NS</sup>		1307,000 <sup>NS</sup>		<b>1054,000 *</b>	
<b>Nº Parceiros Sexuais <sup>d</sup></b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
1 - 1 a 5	<b>2,16</b>	0,68	4,44	0,69	4,14	0,69	2,41	0,85
2 - 6 a 10	<b>2,65</b>	0,60	4,46	0,71	4,09	0,71	2,62	0,85
3 - 11 a 15	<b>2,96</b>	0,75	4,58	0,57	3,95	0,68	2,53	0,77
4 - 16 a 20	<b>3,01</b>	0,63	4,60	0,52	4,08	0,62	2,60	0,95
5 - + de 21	<b>3,20</b>	0,61	4,53	0,63	3,86	0,76	2,58	0,89
ANOVA (F)	-		-		-		1,258 <sup>NS</sup>	
Kruskal -Wallis (H)	<b>79,597 **</b>		2,470 <sup>NS</sup>		8,052 <sup>NS</sup>		-	
Comparação múltipla de médias de ordens	<b>1 vs 2 **</b>		-		-		-	
	<b>1 vs 3 **</b>		-		-		-	
	<b>1 vs 4 **</b>		-		-		-	
	<b>1 vs 5 **</b>		-		-		-	
	2 vs 3 <sup>NS</sup>		-		-		-	
	2 vs 4 <sup>NS</sup>		-		-		-	
	<b>2 vs 5 **</b>		-		-		-	
	3 vs 4 <sup>NS</sup>		-		-		-	
	3 vs 5 <sup>NS</sup>		-		-		-	
	4 vs 5 <sup>NS</sup>		-		-		-	

Nota. Relativamente a determinadas categorias teve-se em conta o número reduzido de participantes levando a alterações da amostra total (N=302). EAS = Escala das Atitudes Sexuais; PER = Permissividade Sexual; PRA = Práticas Sexuais; COM = Comunhão; INS = Instrumentalidade; N = Amostra Total; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; H = H de Kruskal-Wallis; t = Teste T-Student; U = U de Mann-Whitney;

<sup>a</sup> n = 290; <sup>b</sup> n = 302; <sup>c</sup> n = 291; <sup>d</sup> n = 297;

\*p<0,05; \*\*p <0,01; \*\*\* p<0,001; <sup>NS</sup> Não Significativo;

### Tipos de Vinculação dos Participantes e as Atitudes Sexuais

As atitudes sexuais foram analisadas em função dos padrões de vinculação obtidos na amostra. A Tabela 13 evidencia os resultados obtidos.

**Tabela 13**

*Comparação das Subescalas da EAS em Função dos Padrões de Vinculação*

Tipo de Vinculação <sup>a</sup>	PER		PRA		COM		INS	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
1 - Seguro	2,60	0,83	4,43	0,74	<b>4,05</b>	<b>0,75</b>	2,42	0,90
2 - Preocupado	2,54	0,74	4,59	0,50	<b>4,23</b>	<b>0,56</b>	2,39	0,88
3 - Desligado	2,74	0,75	4,41	0,77	<b>3,74</b>	<b>0,74</b>	2,53	0,83
4 - Amedrontado	2,55	0,74	4,54	0,58	<b>4,04</b>	<b>0,70</b>	2,72	0,78
ANOVA (F)	0,642 <sup>NS</sup>		-		-		1,813 <sup>NS</sup>	
Kruskal -Wallis (H)	-		2,042 <sup>NS</sup>		<b>11,778 **</b>		-	
Comparação múltipla de médias de ordens					1 vs 2 <sup>NS</sup>			
					<b>1 vs 3 **</b>			
					1 vs 4 <sup>NS</sup>			
					<b>2 vs 3 **</b>			
					2 vs 4 <sup>NS</sup>			
					<b>3 vs 4 *</b>			

*Nota. EAS = Escala das Atitudes Sexuais; PER = Permissividade Sexual; PRA = Práticas Sexuais; COM = Comunhão; INS = Instrumentalidade; N = Amostra Total; M = Média; DP= Desvio Padrão; F = ANOVA; H = H de Kruskal-Wallis;*

<sup>a</sup> n = 275;

\*p < 0,05; \*\*p < 0,01; <sup>NS</sup> Não Significativo;

Deste modo, foram observadas diferenças estatisticamente significativas relativamente à subescala “Comunhão” que remete a atitudes para com o sexo como uma “experiência íntima física e psicológica, de partilha, envolvimento e idealismo. As diferenças foram observadas entre o padrão seguro (M = 4,05) e desligado (M = 3,74), entre o preocupado (M = 4,23) e o desligado (M = 3,74) e entre o desligado (M = 3,74) e o amedrontado (M = 4,04). Destes, foi o padrão de vinculação preocupado que obteve valores mais altos (M = 4,23) nesta subescala, o que remete a que indivíduos, com este padrão, tenham uma maior atitude para com o sexo como uma “experiência íntima física e psicológica, de partilha, envolvimento e idealismo.

Foi ainda realizado um estudo correlacional entre algumas características sociodemográficas e as dimensões da escala da EVA e da EAS (Apêndice D) sendo que estes não são apresentados porque os valores das correlações obtidos são fracos (r = 0,124 a 0,280 / r<sub>s</sub> = 0,141 a 0,287) a moderados (r = 0,305 a 0,489 / r<sub>s</sub> = 0,307 a 0,513) (Pallant, 2007).

### Discussão dos Resultados

A presente investigação teve como objetivos perceber a relação entre as variáveis sociodemográficas, das quais a idade, o sexo, a orientação sexual, a constituição familiar, a prática de religião, o número de parceiros amorosos e sexuais e ainda o uso de aplicações de *dating* em relação às dimensões da Escala de Vinculação do Adulto e às subescalas da Escala das Atitudes Sexuais.

Como principais resultados aponta-se:

1) Os sujeitos que vivem em casal apresentam menos “Ansiedade” e mais “Confiança nos Outros” em comparação com todas as outras tipologias. Os que pertencem a famílias nucleares intactas apresentam maior “Ansiedade” e quem vive sozinho menor “Confiança nos Outros”.

2) Os sujeitos que tiveram um número médio de parceiros sexuais entre 11 a 15 são os que pontuam mais alto na “Confiança nos Outros” e os que tiveram mais de 21 parceiros quem tem menos “Confiança nos Outros”.

3) A prática de religião tem influência nas atitudes sexuais face à “Permissividade Sexual” e às “Práticas Sexuais”, sendo que quem não pratica uma religião apresenta maiores concordâncias nas atitudes anteriormente referidas.

4) O uso de *apps* de *dating* está, maioritariamente, associado a indivíduos do sexo masculino, homossexuais e que não praticam uma religião.

5) Os padrões de vinculação relacionam-se com o uso, ou não, de *apps* de *dating*. Os sujeitos do estilo seguro são quem menos usa e os preocupados quem mais usa as *apps*.

A família e as pessoas com quem se vive são relevantes na organização das diferentes dimensões da vinculação em adultos. Observou-se no primeiro resultado que os participantes que vivem em casal apresentam menos “Ansiedade” e mais “Confiança nos Outros” em comparação com quem vive sozinho, em famílias nucleares intactas, ou monoparentais que apresentam menos “Confiança nos Outros”.

Através da literatura pode-se hipotetizar que as diferenças encontradas podem associar-se à fase do ciclo vital em que se encontram bem como as exigências dessa etapa (Alarcão, 2002; Carter & McGoldrick, 1995; Matos & Costa, 1996). É necessário mencionar que os estilos de vinculação só são ativados em alturas de grande stress, perigo ou em situações desconhecidas e/ou imprevisíveis (Canavarro, Dias & Lima, 2006). Quem vive em casal poderá estar provavelmente nas etapas mais precoces do ciclo vital, etapa com desafios normativos não muito exigentes e também caracterizada por grande investimento, foco e satisfação conjugal. Também a não existência de filhos coloca menos constrangimentos e desafios à relação com o par conjugal. Explica-se assim também que, no sentido oposto, os sujeitos que vivem em famílias, onde há casal e filhos, apresentem os maiores níveis de “Ansiedade” (Alarcão, 2002). Já os sujeitos que vivem sozinhos apresentam os valores mais baixos de “Confiança nos Outros” o que poderá explicar-se por vários fatores entre os quais dificuldade de estabelecer uma relação de compromisso com um par romântico, experiências relacionais prévias mal sucedidas entre outros fatores. Acresce ainda que a ativação das figuras de

vinculação e os comportamentos de vinculação acontece sobretudo em situações desconhecidas e/ou imprevisíveis, traumáticas e/ou potenciadoras de stress. Nestes contextos de adversidade a perceção da disponibilidade, segurança e confiança nestas figuras poderá estar mais condicionada em sujeitos que vivem sozinhos (Silva & Costa, 2005).

Naturalmente que estes resultados também são influenciados pelos padrões de vinculação construídos nas relações familiares que podem ou não ser alterados nas experiências amorosas ao longo da vida.

Relativamente ao segundo resultado, são os sujeitos que tiveram um número médio de parceiros sexuais entre 11 a 15 que pontuam mais alto na “Confiança nos Outros” e os que tiveram mais de 21 parceiros quem tem menos “Confiança nos Outros”. A sexualidade está intimamente ligada à vinculação no adulto, como referem os estudos de Kotera e Rhodes (2019), Segovia, Maxwell, DiLorenzo e MacDonald (2019), Giudice, M. D. (2019) e Busby, Hanna-Walker e Yorgason (2020). A maioria destes estudos foca a sexualidade vivida na relação com o par amoroso como uma forma de intimidade e segurança no vínculo relacional. Birnbaum e Reis (2019) nos seus estudos mencionam que o sexo no relacionamento amoroso é uma força vital que une e atrai o casal contribuindo no estabelecimento do vínculo do mesmo. Por outro lado, Kotera e Rhodes (2019) mencionam que o padrão de vinculação ansioso no adulto, é mediado através das experiências adversas durante a infância e, também, está relacionado com a dependência de sexo.

Os padrões de vinculação estão associados às atitudes sexuais, Segovia, Maxwell, DiLorenzo e MacDonald (2019) através da sua investigação mencionam que indivíduos com padrão inseguro são mais propensos a envolverem-se em encontros casuais do que os seguros, onde a tipologia de encontro é mediada pela vinculação. Deste modo, a associação entre o padrão ansioso e o prazer não depende apenas da tipologia de encontro, mas também da associação entre a ansiedade e as emoções positivas e negativas – comportamento de vinculação. O sexo casual pode acarretar custos ou benefícios e depende da combinação do padrão de vinculação do indivíduo e do tipo de encontro. Estes autores descobriram que para indivíduos ansiosos todos os tipos de encontros sexuais casuais funcionam de forma muito semelhante ao sexo num relacionamento romântico. Maior ansiedade está associada a menos prazer físico e menos possibilidade de ter orgasmo e uma maior probabilidade de ter emoções negativas que se refletem nos relacionamentos românticos posteriores. Por sua vez, os indivíduos com um padrão evitante experimentam maiores níveis de prazer físico e de emoções positivas nos encontros sexuais casuais (Segovia et al., 2019).

Segundo a investigação de Busby, Hanna-Walker e Yorgason (2020), os padrões de vinculação têm associações significativas nas atitudes e mecanismos sexuais, no momento em que se dá início à atividade sexual, e na quantidade de parceiros, sendo que estas variáveis estão também diretamente associadas à probabilidade desse indivíduo iniciar ou não uma relação “amorosa”. Deste modo, através dos seus resultados, o padrão ansioso e evitante demonstraram um início precoce das atividades sexuais, tanto em indivíduos do sexo masculino como feminino. Os sujeitos com padrão ansioso demonstraram um maior número de parceiros sexuais casuais e um menor número de parceiros “românticos”. Por outro lado, os indivíduos do sexo feminino com padrão evitante demonstraram um menor número de parceiros sexuais casuais comparativamente ao sexo masculino. No que respeita ao estabelecimento de uma relação foi o padrão ansioso que demonstrou maior probabilidade de permanecer solteiro até aos 30 anos. Importa ainda referir que somente os indivíduos do sexo masculino demonstraram associações significativas entre o número de parceiros sexuais e a satisfação sexual e no relacionamento, sendo que um número elevado de parceiros sexuais diminui a sua própria satisfação tanto a nível sexual como no relacionamento (Busby, Hanna-Walker & Yorgason, 2020).

Monteoliva e García-Martínez (2005) estudaram os estilos de vinculação nos adultos e os efeitos na qualidade das relações amorosas com 891 estudantes universitários espanhóis, com idades entre os 17 e os 30 anos, que mantinham uma relação amorosa. Concluíram que o estilo evitativo mostrava níveis mais baixos de satisfação em comparação com os restantes estilos e também apresentavam maior probabilidade do seu relacionamento terminar nos 6 meses seguintes, sendo os indivíduos com uma vinculação segura ou preocupada demonstraram ter os relacionamentos mais duradouros.

Assim sendo, os padrões de vinculação interferem tanto na experiência relacional como na perceção de satisfação na mesma, seja amorosa ou sexual, e influencia o número de parceiros sexuais que cada indivíduo tem. Deste modo, podemos hipotetizar através do estilo de vinculação que a experiência do elevado número de parceiros poderá levar a dificuldades em construir e/ou manter relações duradouras e seguras, vivenciando relacionamentos pouco confiáveis e nutritivos. Isto, poderá ajudar a explicar a falta de confiança relacional que os sujeitos que tiveram muitos parceiros, anteriormente, apresentem face ao outro e a relações futuras.

Relativamente às “Práticas Sexuais”, terceiro resultado, foram observadas diferenças significativas quanto à “Permissividade Sexual” (sexo ocasional e sem compromisso, consentimento na diversidade de parceiros, sexo como uma partilha e como forma de obter

prazer) e às “Práticas Sexuais” (atitudes face ao planeamento familiar, educação sexual e prática de masturbação) em função da prática religiosa. Os participantes que não praticam religião apresentam uma maior concordância na subescala “Permissividade Sexual” e na das “Práticas Sexuais” em comparação aos sujeitos que praticam uma religião. Este resultado foi observado também por Alferes (1999), onde tanto o sexo como a prática religiosa apresentaram resultados significativos relativamente à “Permissividade Sexual”. Deste modo a religião aparenta ter um papel moderador face às atitudes sexuais, e este pode ser compreendido pelo elevado impacto da religião e valores religiosos e morais transmitidos no sentido de uma maior contenção, bem como a cultura em que estes se inserem (Coutinho & Miranda-Ribeiro, 2014).

O quarto resultado evidencia que o uso de *apps* de *dating* está, maioritariamente, associado a indivíduos do sexo masculino, homossexuais e que não praticam uma religião sendo possível verificar resultados idênticos através da literatura científica corroborando com os resultados obtidos (Almeida, Carvalheira & Costa, 2020; Anderson, Vogels & Turner, 2020; Brandt & Carmichael, 2020; Lejars, Bélanger, & Razmak, 2020; Jonason & Bulyk, 2019; Mosley, Lancaster, Parker & Campbell, 2020; Rappleyea et al., 2014; Sumter & Vandenbosch, 2019).

Segundo Lejars, Bélanger e Razmak (2020), relativamente às diferenças de sexo, os homens têm um maior envolvimento em “atividades sexuais” e no uso de *apps* do que as mulheres e os homens são mais permissivos. Para este resultado podem contribuir as influências dos papéis de género onde a sexualidade masculina pode ser vista de uma forma mais aceitável na expressão sexual quando comparada à das mulheres. O que também pode refletir os conceitos sobre os papéis sexuais relativos à *Instrumentalidade* - dirigidos aos homens - e da *Expressividade* com as mulheres (Ribeiro & Costa, 2002). Segundo Yost e Zurbriggen (2010) os homens estão mais predispostos do que as mulheres a envolver-se em comportamentos sexuais sem uma conexão emocional.

Relativamente à orientação sexual, segundo Almeida, Carvalheira e Costa (2020), os homossexuais são mais permissivos sexualmente comparativamente aos indivíduos heterossexuais. Sumter e Vandenbosch (2019), de acordo com a sua investigação, mencionaram que os indivíduos com uma orientação sexual diferente da heterossexual, com baixa ansiedade no namoro e com atitudes sexuais mais permissivas apresentam maior probabilidade de usar *apps* de *dating*.

Outro aspeto relativo às diferenças da orientação sexual no uso de *apps* de *dating*, segundo Brandt e Carmichael (2020) através do seu estudo, prende-se com o facto de que os homens pertencentes a minorias sexuais – LGBT - podem sentir falta de apoio e/ou suporte,

seja familiar ou de outros, devido às suas identidades ainda estigmatizadas pela sociedade levando a recorrer a redes sociais e/ou *apps* para obter suporte dos pares. Os autores ainda referem que o apoio/suporte por estes meios está associado a um maior bem-estar psicológico comparativamente ao suporte em meio presencial (cara-a-cara). Isto poderá dever-se ao facto deste método, prático e de fácil acesso, poder trazer benefícios imediatos e a curto prazo através dos formatos que fornecem os dados e interesses pessoais, fotos e a orientação sexual e assim contribuem para uma maior adesão a estas *apps*, no que respeita ao estabelecimento de novas relações interpessoais, embora estas também acarretem riscos nomeadamente enganos, violência verbal, roubo de identidade, etc. (Bryant & Sheldon, 2017; Chan, 2017; Sepúlveda & Vieira, 2020).

O quinto resultado evidencia que os sujeitos com diferentes estilos de vinculação apresentam diferenças quanto ao uso das *apps* de *dating*. Os participantes “seguros” preferem a não utilização deste tipo de aplicações. Os sujeitos “preocupados” e “amedrontados” são os que mais recorrem a este tipo de aplicações.

Através dos resultados obtidos observou-se que o estilo preocupado pontuou valores médios mais altos na dimensão “Ansiedade” da vinculação e na subescala “Comunhão” das atitudes sexuais, significando que os indivíduos, com este padrão, têm um maior grau de ansiedade e percecionam o sexo como “experiência íntima física e psicológica, de partilha, envolvimento e idealismo”. Indivíduos com estas características recorrem a estas plataformas com a esperança de encontrar a pessoa “certa”, mas, simultaneamente, a facilidade e riscos inerentes ao uso destas *apps* pode levar a um aumento no grau de ansiedade consequência das tentativas/erro para estabelecer um relacionamento amoroso a longo prazo (Chin, Edelstein, & Vernon, 2018; Pitcho-Prelorentzos, Heckel & Ring, 2020).

A literatura indica que indivíduos com estilo evitante – correspondentes aos tipos desligado e amedrontado – usam maioritariamente as *apps* de *dating* com a finalidade de desenvolver uma relação garantindo um baixo envolvimento e investimento baseando-se em fingir/manipular como forma a atender às suas necessidades de “vínculo” e esconder as suas vulnerabilidades (Mosley, Lancaster, Parker & Campbell, 2020). Também, Chin, Edelstein, e Vernon (2018) concluíram que pessoas com um estilo inseguro fazem mais recurso aos *apps* de *dating* para conhecer outras pessoas, tal como o presente trabalho conclui.

Mosley, Lancaster, Parker & Campbell (2020) estudaram os padrões de vinculação e o uso de *apps* de *dating* e concluem que a teoria da vinculação é uma ferramenta valiosa no que respeita à compreensão da interação nos relacionamentos à medida que o uso de tecnologia cresce entre os indivíduos, e também, na compreensão dos benefícios e riscos inerentes ao uso

destas tecnologias. O padrão de vinculação é a chave do desenvolvimento das relações interpessoais ao longo da vida do indivíduo e influi também no recurso às tecnologias, podendo tornar-se uma “barreira” no que toca à formação de novas relações (idem). As “barreiras” ou “dificuldades” podem ser compreendidas na interação entre os diferentes padrões de vinculação. Por exemplo: um indivíduo seguro ao estabelecer uma relação com um indivíduo ansioso/ambivalente pode sentir-se e agir de uma forma mais evitativa ou um sujeito com um padrão evitante pode levar a um parceiro seguro sentir-se e agir de uma forma ansiosa/preocupada (Hazan & Shaver, 1987).

Os principais riscos apontados foram exemplificados através do padrão ansioso e evitante, tipologia mais presente nesta temática, que usam *apps* ou plataformas digitais de *dating* como uma forma de compensar a falta de afeto ou a perceção de disponibilidade de outros, como amigos e/ou familiares, podendo levar a tornar-se alvos fáceis de roubo de identidade ou outras questões (Mosley, Lancaster, Parker & Campbell, 2020).

### **Considerações Finais**

Este estudo permitiu concluir que o contexto familiar e relacional amoroso em que os sujeitos vivem é relevante em dimensões centrais da vinculação. Em particular a experiência de viver em casal potencia segurança e confiança e as experiências sexuais em elevado número tem impacto negativo na perceção de confiança no par amoroso. Quanto às *apps* de *dating*, os homens e os homossexuais são quem mais usa, bem como os sujeitos com estilo de vinculação preocupado.

As limitações a apontar a este estudo prendem-se com as lacunas de literatura científica que relacione a vinculação, as atitudes sexuais e o uso das novas tecnologias como é o caso das *apps* de *dating*, aspeto que reforça a relevância do presente estudo, apesar das precauções com que os resultados devem ser interpretados e generalizados.

Embora o número de participantes deste estudo seja razoável, o tipo de amostragem por conveniência limita alguma generalização dos resultados. Outro aspeto a ter em consideração diz respeito ao valor de *alfa de Cronbach* obtido na dimensão “Confiança nos Outros” da EVA, implicando cautela na leitura destes dados. A EVA é das únicas escalas validadas para a população portuguesa que avalia a vinculação no adulto, outros estudos que a usam apresentam as mesmas dificuldades relativamente a esta dimensão.

São cada vez mais comuns as interações amorosas e sexuais que se estabelecem através de redes sociais e *apps* de *dating*, sendo que este meio de ligação (à distância) pode manter-se durante muito tempo e, nalguns casos, preceder o contacto interpessoal, colocando questões e

constrangimentos relevantes à relação e ao estabelecimento do vínculo. Estes resultados sublinham que a intervenção clínica deve ter em atenção os processos e estilos de vinculação e a sua relação com a sexualidade, tanto na intervenção individual como com casais, mas sobretudo, em sujeitos que utilizam as redes sociais como veículo de ligação amorosa ou sexual.

Como principais sugestões para investigações futuras, sugere-se a realização de um estudo longitudinal onde os mesmos sujeitos são avaliados num período de tempo longo relativamente à vinculação e atitudes sexuais e a inclusão de instrumentos que avaliem o uso e o impacto das tecnologias na vida dos indivíduos, procurando obter resultados mais fidedignos na observação da relação entre os padrões de vinculação e a utilização das *apps* de *dating*.

O trabalho apresentado procurou estudar uma temática atual e de grande relevância sobre a qual ainda poucos conhecimentos foram produzidos. Os formatos relacionais românticos mudaram muito nos últimos anos e perceber os contornos das relações contemporâneas e a forma como elas são experienciadas pelos envolvidos é fundamental.

### Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). (Des)Equilíbrios Familiares. *Psicologia Clínica e Psiquiátrica*, 16 (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Alferes, V. R. (1999). Escala de Atitudes Sexuais [Scale of Sexual Attitudes]. *Testes e provas psicológicas em Portugal*, 2, 131–148. Retrieved from [https://eg.uc.pt/bitstream/10316/11542/1/Alferes1999\\_EAS.pdf](https://eg.uc.pt/bitstream/10316/11542/1/Alferes1999_EAS.pdf)
- Almeida, R., Carvalheira, A. & Costa, P. A. (2020). *A adesão ao duplo padrão sexual em jovens adultos em função do género e da orientação sexual. Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde. Retrieved from <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/7476/1/13CongNacSaude%203.pdf>
- Anderson, M., Vogels, E. A. & Turner, E. (2020). The virtues and downsides of online dating. *Pew Research Center*. 6 de fevereiro. Retrieved from [https://www.pewresearch.org/internet/2020/02/06/the-virtues-and-downsides-of-online-dating/?utm\\_source=Pew+Research+Center&utm\\_campaign=a9f6062028-EMA](https://www.pewresearch.org/internet/2020/02/06/the-virtues-and-downsides-of-online-dating/?utm_source=Pew+Research+Center&utm_campaign=a9f6062028-EMA)
- Antunes, M. T. C. (2007). *Atitudes e Comportamentos Sexuais de Estudantes do Ensino Superior* [Sexual Attitudes and Behaviors of Higher Education Students]. pp. 777–791. Retrieved from <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/viiiicongreso/pdfs/83.pdf>

- Aragão, J. (2011). Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas [Introduction to quantitative studies used in scientific research]. *Revista Práxis*, 3(6), 59–62. <https://doi.org/10.25119/praxis-3-6-566>
- Assunção, R. & Matos, P. M. (2010). *A vinculação parental e amorosa em adolescentes: O papel da competência interpessoal e da tomada de perspetiva* [Parental and loving attachment in adolescents: The role of interpersonal competence and perspective taking]. Universidade do Minho, *Actas do VII Simpósio de Investigação em Psicologia* (pp. 1574–1588). Universidade do Minho, Portugal. Retrieved from <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/21497/2/84552.pdf>
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: an attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(1), 147–178. <https://doi.org/10.1177/0265407590072001>;
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.332.3652&rep=rep1&type=pdf>;
- Bennett, M., Lopresti, B. J. & Denes, A. (2019). Exploring trait affectionate communication and post sex communication as mediators of the association between attachment and sexual satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 151, 1–7. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109505>
- Birnbaum, G. E. & Reis, H. T. (2019). Evolved to be connected: the dynamics of attachment and sex over the course of romantic relationships. *Current Opinion in Psychology*, 25, 11-15. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.005>
- Blackhart, G. C., Fitzpatrick, J. & Williamson, J. (2014). Dispositional factors predicting use of online dating sites and behaviors related to online dating. *Computers in Human Behavior*, 33, 113–118. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.01.022>
- Bogels, S. M. & Brechman-Toussaint, M. L. (2006). Family issues in child anxiety: Attachment, family functioning, parental rearing and beliefs. *Clinical Psychology Review*. 26 (7), 834-856. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2005.08.001>
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura - aplicações clínicas da teoria do apego* [A secure foundation - clinical applications of attachment theory]. (A. Médicas, Ed.). Porto Alegre.
- Brandt, S. A. & Carmichael, C. L. (2020). Does online support matter? The relationship between online identity-related support, mattering, and well-being in sexual minority men. *Computers in Human Behavior*, 111(106429), 1-44. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106429>

- Bryant, K. & Sheldon, P. (2017). Cyber Dating in the Age of Mobile Apps: Understanding Motives, Attitudes, and Characteristics of Users. *American Communication Journal*, 19(2), 1-15. Retrieved from <https://pdfs.semanticscholar.org/c32e/d8d871edc872b7793891c2bf9e1184421080.pdf>
- Busby, D. M., Hanna-Walker, V. & Yorgason, J. B. (2020). A closer look at attachment, sexuality, and couple relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(10), 1-24. <https://doi.org/10.1177/0265407519896022>
- Canavarro, M. C., Dias, P. & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) Na População Portuguesa [The assessment of Adult Attachment: A critical review in application of Adult Attachment Scale-R (AAS-R) in portuguese population]. *Psicologia*, 20(1), 155–186. ISSN 0874-2049. Retrieved from [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492006000100008](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492006000100008)
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* [Changes in the family life cycle: A framework for family therapy]. (2<sup>a</sup> ed.). Retrieved from <https://statics-submarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/25928743.pdf>
- Chan, L. S. (2017). Who uses dating apps? Exploring the relationships among trust, sensation-seeking, smartphone use, and the intent to use dating apps based on the Integrative Model. *Computers in Human Behavior*, 72, 246-258. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2017.02.053>
- Chin, K., Edelstein, R. S. & Vernon, P. A. (2018). Attached to dating apps: Attachment orientations and preferences for dating apps. *Mobile Media & Communication*, 7(1), 1–19. <https://doi.org/10.1177/2050157918770696>
- Correia, F. & Mota, C. P. (2016). Ambiente familiar e qualidade da vinculação amorosa – Papel mediador da individuação em jovens adultos [Family environment and quality of loving attachment - Mediating role of individuation in young adults]. *Análise Psicológica*, 34(1), 15–29. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1018>
- Couch, D., Liamputtong, P. & Pitts, M. (2012). What are the real and perceived risks and dangers of online dating? Perspectives from online daters. *Health, Risk & Society*, 14(7–8), 697–714. <https://doi.org/10.1080/13698575.2012.720964>
- Coutinho, R. Z. & Miranda-Ribeiro, P. (2014). Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio

- século de pesquisas [Religion, religiosity and sexual initiation during adolescence: lessons from a systematic literature review of a half-century of research]. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 31(2), 333-365. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982014000200006>
- Crowell, J. A. & Treboux, D. (1995). A Review of Adult Attachment Measures: Implications for Theory and Research. *Social Development*, 4(3), 294–327. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.1995.tb00067.x>
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica - O processo de comunicação no sistema familiar [A look at the family from a systemic perspective - The communication process in the family system]. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139–156. ISSN 0872-0215. Retrieved from <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9176>
- Feeney, J. A. & Noller, P. (1990). Attachment Style as a Predictor of Adult Romantic Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(2), 281–291. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.2.281>
- Ferrer, M. M. (2019). Love Interfaces: Identity and Attachment in Online Dating. *Journal of Catalan Studies*, 21(1), 45–53. ISSN: 1139-0271. Retrieved from <http://jocs.anglo-catalan.org/ojsnew/index.php/jocs/article/view/33>
- Frazzetto, G. (2010). The science of online dating. *Embo reports*, 11(1), 25–27. <https://doi.org/10.1038/embor.2009.264>
- Freitas, V. & Mota, C. P. (2015). Implicações da vinculação amorosa e suporte social na autoestima em jovens universitários [Implications of loving attachment and social support for self-esteem in university students]. *Análise Psicológica*, 33(3), 303–315. <https://doi.org/10.14417/ap.863>
- Giudice, M. D. (2019). Sex differences in attachment styles. *Current Opinion in Psychology*, 25, 1-16. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.004>
- Hallam, L., Backer, C. J. S. De, & Walrave, M. (2019). Taking it to the next level: The negligible role of trust when online dating goes offline. *Computers in Human Behavior*, 90, 259–264. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.09.011>
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hendrick, S. & Hendrick, C. (1987). Multidimensionality of sexual attitudes. *Journal of Sex Research*, 23(4), 502-526. <http://dx.doi.org/10.1080/00224498709551387>

- Hertlein, K. M. (2012). Digital Dwelling: Technology in Couple and Family Relationships. *Family Relations: Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 61(3), 374–387. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2012.00702.x>
- Jonason, P. & Bulyk, R. (2019). Who uses Tinder?: The dark triad traits, attachment, and mate value. *Studia Psychologica: Theoria et Praxis*, 19(1), 5-15. [https://www.infona.pl/resource/bwmeta1.element.ojs-doi-10\\_21697\\_sp\\_2019\\_19\\_1\\_01](https://www.infona.pl/resource/bwmeta1.element.ojs-doi-10_21697_sp_2019_19_1_01)
- Kim, H.-Y. (2013). Statistical notes for clinical researchers: assessing normal distribution (2) using skewness and kurtosis. *Restorative Dentistry & Endodontics*, 38(1), 52. <https://doi.org/10.5395/rde.2013.38.1.52>
- Kotera, Y. & Rhodes, C. (2019). Pathways to Sex Addiction: Relationships with Adverse Childhood Experience, Attachment, Narcissism, Self-Compassion and Motivation in a Gender-Balanced Sample. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 26(1-2), 54-76. <https://doi.org/10.1080/10720162.2019.1615585>
- Lejars, V. O. B., Bélanger, C. H. & Razmak, J. (2020). Exploring new measures of online sexual activities, device use, and gender differences. *Computers in Human Behavior*, 108(106300). <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106300>
- Levis, D. (2006). Sobre chat, máscaras y otros asuntos sobre el amor en internet [About chat, masks and other subjects about love on the internet]. *Revista Electrónica Teoría de la Educación*, 7(2), 141–155. ISSN: 2444-8729. Retrieved from [http://campus.usal.es/~revistas\\_trabajo/index.php/eks/article/view/19415/19416](http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/eks/article/view/19415/19416)
- Machado, T. S., Dias-da-Costa, C. & Silva, J. T. da. (2015). Vinculação aos pais e vinculação amorosa: esperança e satisfação com a vida [Attachment to parents and loving attachment: hope and satisfaction with life]. Em S. de P. Universidade da Coruña (Ed.), *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 14, 1-5. <https://doi.org/10.17979/reipe.2015.0.14.147>
- Marotti, J., Galhardo, A. P. M., Furuyama, R. J., Pigozzo, M. N., Campos, N. T. & Laganá, D. C. (2008). Amostragem em Pesquisa Clínica: Tamanho da Amostra [Clinical Research Sampling: Sample Size]. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 20(2), 186–194. Retrieved from [https://www.researchgate.net/publication/285800533\\_Amostragem\\_em\\_pesquisa\\_clinica\\_Tamanho\\_da\\_amostra](https://www.researchgate.net/publication/285800533_Amostragem_em_pesquisa_clinica_Tamanho_da_amostra)
- Matos, P. M. & Costa, M. E. (1991). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes [Attachment to parents and romantic couple in teenagers]. *Psicologia*, 20(1), 97–126. ISSN: 0874-2049. Retrieved from

[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492006000100006](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492006000100006)

- Matos, P. M. & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos [Attachment and developmental processes in young people and adults]. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45–54. Retrieved from <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14817/2/81903.pdf>
- Melo, O. & Mota, C. P. (2013). Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares [Loving Attachment and welfare in young people from different family settings]. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 587–597. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000400002>
- Mendonça, S. & Almeida, A. S. R. de. (2010). Vinculação aos pais e aos pares amorosos e comportamentos sexuais de jovens adultos [Attachment to parents and loving couples and sexual behaviors of young adults]. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 677–685. ISSN: 0214-9877 Retrieved from [http://infad.eu/RevistaINFAD/2010/n1/volumen2/INFAD\\_010222\\_677-686.pdf](http://infad.eu/RevistaINFAD/2010/n1/volumen2/INFAD_010222_677-686.pdf)
- Monteoliva, A. & García-Martínez, J. M. A. (2005). Attachment Style and Its Effect on the Quality of Romantic Relationships in Spanish Students. *The Journal of Social Psychology*, 6(145), 745–747. doi: <https://doi.org/10.3200/SOCP.145.6.745-747>
- Mosley, M. A., Lancaster, M., Parker, M. L., & Campbell, K. (2020). Adult attachment and online dating deception: a theory modernized. *Sexual and Relationship Therapy*. 35(2), 227-243. <https://doi.org/10.1080/14681994.2020.1714577>
- Navarro-García, A. M. & Arroyo-Ortega, A. (2017). Dimensión afectiva de la sexualidad: posibilidades para la construcción del tejido social con los otros [Affective dimension of sexuality: possibilities for the construction of social network with others]. *Revista Aletheia*, 9(2), 270–285. ISSN 2145-0366. Retrieved from [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2145-03662017000200270](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2145-03662017000200270)
- Pallant, J. (2007). *SPSS Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis Using SPSS*. (Taylor & Francis, Ed.), McGraw-Hill Education (3<sup>rd</sup> ed.). New York: Open University Press.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2014). *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS* [Data Analysis for Social Sciences - The Complementarity of SPSS]. (Edições Silabo, Ed.), Edições Sílabo (6<sup>a</sup> Edição). Lisboa.

- Pitcho-Prelorentzos, S., Heckel C. & Ring, L. (2020). Predictors of social anxiety among online dating users. *Computers in Human Behavior*, 110(106381). <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106381>
- Pocinho, M. (2012). *Metodologia de investigação e comunicação do conhecimento científico* [Research methodology and communication of scientific knowledge]. (1ª ed.). Lisboa: Lidel – edições técnicas, lda.
- Rappleyea, D. L., Taylor, A. C. & Fang, X. (2014). Gender Differences and Communication Technology Use Among Emerging Adults in the Initiation of Dating Relationships. *Marriage & Family Review*, 50(3), 37–41. <https://doi.org/10.1080/01494929.2013.879552>
- Ribeiro, M. T. & Costa, M. E. (2002). Estilos de vinculação, papéis sexuais, género e satisfação conjugal: um estudo com casais portugueses [Attachment style, sex roles, gender and marital satisfaction: A study with portuguese couples]. *Cadernos de Consulta Psicológica*, (17–18), 197–214. ISSN: 0871-7516. Retrieved from <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/15588/2/83613.pdf>
- Sautter, J. M., Tippett, R. M. & Morgan, S. P. (2010). The Social Demography of Internet Dating in the United States n. *Social Science Quarterly*, 91(2), 554–575. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6237.2010.00707.x>
- Segovia, A. N., Maxwell, J. A., DiLorenzo, M. G. & MacDonald, G. (2019). No strings attached? How attachment orientation relates to the varieties of casual sexual relationships. *Personality and Individual Differences*, 151(109455), 1-13. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.05.061>
- Sepúlveda, R. & Vieira, J. (2020). Motivações para o uso de aplicações de online dating no contexto português: a relevância dos turning points. *Análise Social*, 235(2), 300-330. <https://doi.org/10.31447/as00032573.2020235.04>
- Silva, M. da G. & Costa, M. E. (2004). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos [Attachment to parents and anxiety in young adults]. *Psicologia*, 18(2), 9–32. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v18i2.428>
- Simpson, J. A. (1990). Influence of Attachment Styles on Romantic Relationships. *Jornal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971–980. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.971>
- Sumter, S. R. & Vandenbosch, L. (2019). Dating gone mobile: Demographic and personality-based correlates of using smartphone-based dating applications among emerging adults. *New Media & Society*, 21(3), 655–673. <https://doi.org/10.1177/1461444818804773>

- Teixeira, A. L. (2016). Análise dos dados de inquéritos sociológicos: Estatísticas univariada, bivariada e multivariada [Analysis of data from sociological surveys: Univariate, bivariate and multivariate statistics]. Em M. Lisboa (Ed.), *Metodologias de investigação sociológica* (pp. 167–242). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus. Retrieved from <https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/3315516/>
- Tomaszewska, P. & Schuster, I. (2019). Comparing sexuality-related cognitions, sexual behavior, and acceptance of sexual coercion in dating app users and non-users. *Sexuality Research and Social Policy*, 17, 188-198. <https://link.springer.com/article/10.1007/s13178-019-00397-x>
- Valkenburg, P. M. & Peter, J. (2007). Who Visits Online Dating Sites? Exploring Some Characteristics of Online Daters. *CyberPsychology & Behavior*, 10(6), 849–852. <https://doi.org/10.1089/cpb.2007.9941>
- Weisskirch, R. S. & Delevi, R. (2011). “Sexting” and adult romantic attachment. *Computers in Human Behavior*, 27(5), 1697-1701. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.02.008>
- Yost, M. R. & Zurbriggen, E. L. (2010). Gender differences in the enactment of sociosexuality: An examination of implicit social motives, sexual fantasies, coercive sexual attitudes, and aggressive sexual behavior. *The Journal of Sex Research*, 43(2), 163-173. <http://dx.doi.org/10.1080/00224490609552311>